

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E DA PERSONALIDADE

FABIANA VERZA

**O USO DO CELULAR NA ADOLESCÊNCIA E SUA
RELAÇÃO COM A FAMÍLIA E GRUPO DE AMIGOS**

Profª Drª Adriana Wagner

Orientadora

Porto Alegre, Dezembro de 2008.

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E DA PERSONALIDADE

**O USO DO CELULAR NA ADOLESCÊNCIA E SUA RELAÇÃO COM A FAMÍLIA
E GRUPO DE AMIGOS**

FABIANA VERZA

Dissertação apresentada no Curso de Mestrado em Psicologia, da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Prof^a Dr^a Adriana Wagner

Orientadora

Porto Alegre, Dezembro de 2008.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V574u Verza, Fabiana

o uso do celular na adolescência e sua relação com a família e grupo de amigos / Fabiana Verza. – Porto Alegre, 2008.

113 f.

Diss. (Mestrado) – Faculdade de Psicologia, Pós-Graduação em Psicologia Social e da Personalidade, PUCRS.

Orientador: Dra. Adriana Wagner.

1. Telefonia Celular. 2. Adolescentes - Aspectos Psicossociais.

3. Família – Psicologia. I. Wagner, Adriana. II. Título.

Bibliotecário Responsável

Ginamara Lima Jacques Pinto
CRB 10/1204

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E DA PERSONALIDADE
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

FABIANA VERZA

**O USO DO CELULAR NA ADOLESCÊNCIA E SUA RELAÇÃO COM A FAMÍLIA
E GRUPO DE AMIGOS**

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª Adriana Wagner - Presidente

Prof^ª Dr^ª Neuza Maria de Fátima Guareschi - PUCRS

Prof^ª Dr^ª Silvia Helena Koller - UFRGS

Porto Alegre – 2008

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora Adriana Wagner, que me apresentou o universo da pesquisa já no início de minha graduação, e desde então contribui para o meu crescimento. Muito obrigada.

Ao Guilherme, minha fortaleza, que sempre esteve ao meu lado, construindo a nossa história, me dando apoio e suporte e me incentivando a conquistar os meus ideais.

Ao meu pai Villi e à minha mãe Clari, que me ensinaram os valores que norteiam a minha vida.

Às minhas irmãs Valéria, Lucélia, Rosana e ao meu irmão Alexandre, que me apontaram caminhos ao longo do meu crescimento e, desde diferentes lugares e distâncias, continuam me apoiando e torcendo por mim. Agradeço também a minha cunhada Marilza.

À minha afilhada Daniele e ao meu sobrinho Giovanni, que irradiam felicidade e inteligência e iluminam a minha família.

À minha madrinha Marta, que desde muito cedo me apresentou ao mundo das letras e dos livros e contribuiu com o meu gosto pelos estudos. Ao meu padrinho, que sempre torceu por mim e acompanhou o meu crescimento.

À minha sogra Tânia, ao meu sogro Itacir e ao meu cunhado Pércio que há muitos anos acompanham a minha trajetória.

Às queridas IC's, Cristina, Jaqueline, Ananda e Karina, amigas dedicadas e companheiras de todas as horas. Obrigada pelo auxílio na conclusão deste trabalho e por fazerem parte de minha vida. À Diana, que acompanhou a etapa final deste processo e a todos os meus colegas IC's, em especial à Mirian, Ana e Manoel que compartilharam de inesquecíveis experiências no grupo de pesquisa.

Ao Eduardo, meu colega de mestrado que tornou-se um grande amigo e com seu carisma e inteligência, conquistou uma amiga para a vida toda.

À Rosane, minha colega de mestrado, minha professora, minha parceira e minha amiga. Tive o privilégio de fazer parte do teu complexo universo e aprendi que o infinito é o limite.

Ao grupo de pesquisa “Dinâmica das Relações Familiares”, que durante muito tempo foi minha casa e minha família em Porto Alegre. Tenho muito carinho por todas as pessoas com quem convivi ao longo desses anos.

Ao professor Brasílio, que através de sua generosidade e do seu caráter revela o que existe de mais rico em um ser humano. Sua paixão por estatística é significativamente contagiante.

Aos adolescentes participantes desta pesquisa, que enriqueceram a coleta de dados com suas inquietações e curiosidades.

Às escolas que abriram suas portas e contribuíram com a pesquisa.

Ao Cnpq, pelo apoio financeiro.

Às minhas amigas de infância de Antônio Prado em especial a Dani e a Manu, com quem compartilhei vários anos de apartamento, de conquistas e de angústias. Às amigas que eu conquistei ao longo da vida: Aline, Priscila, Fernanda, Letícia e Kelly obrigada pelo incentivo e por torcerem por mim.

Aos queridos amigos Frederico e Denise, Gabriel, Patrícia, ao pequeno Henrique e a minha futura afilhada Maria Eduarda que chegará para alegrar o ano de 2009.

À Marlise, pela sua continência e holding ao longo de todos esses anos.

À Sara Malo, pela sua generosidade em disponibilizar sua tese já no início de minha dissertação.

*“Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos se não fora
A mágica presença das estrelas!”*

Mario Quintana - Espelho Mágico

Resumo

Esta dissertação investiga, desde a perspectiva psicossocial, o fenômeno do uso do celular na adolescência e sua repercussão na família e grupo de amigos. Para tanto ela foi dividida em dois artigos. O primeiro artigo apresenta um levantamento sobre o tema do uso do celular, descrevendo o panorama da telefonia móvel no Brasil, enfocando o papel do jovem e da família no processo de difusão dessa tecnologia no país. O segundo artigo apresenta os resultados da investigação com 534 adolescentes de ambos os sexos, com idades entre 12 e 17 anos, estudantes de escolas públicas e privadas de Porto Alegre. Os resultados indicam que o celular exerce um papel no processo de construção da identidade do jovem e no desenvolvimento de suas relações sociais.

Palavras-chave: telefone celular, adolescência, família, amigos.

Abstract

This dissertation investigates the phenomena of the use of mobile phones in the adolescence phase and its repercussions in the family and group of friends, from a psychosocial perspective. The study has been divided into two articles. The first article provides an overview of the mobile phones in Brazil focusing on the role of the adolescents and the family in the process of disseminating this technology. The second article presents the results of an investigation including 534 adolescents, male and female, between 12 and 17 years old, students from public and private schools in Porto Alegre. Results indicated that the mobile phone has an important role in the foundation of the youth's identity as well as in the development of their social relationships.

Key-words: mobile phone, youth, family, friends.

Sumário

1. Introdução.....	10
2. Fundamentação Teórica	12
3. Objetivos.....	25
3.1. Objetivo geral.....	25
3.2. Objetivos específicos.....	25
3.3. Objetivo secundário.....	25
4. Problema de Pesquisa.....	26
5. Método	27
5.1. Delineamento do Estudo.....	27
5.2. Instrumentos.....	28
5.3. Procedimento para coleta dos dados	29
5.4. Procedimento para a análise dos dados	30
5.5. Considerações Éticas	31
6. Referências	32
7. Artigo 1: Repercussões do uso do celular na juventude e na família: um panorama da realidade brasileira.....	37
8. Artigo 2: O uso do telefone celular desde a perspectiva da adolescência.....	63
9. Considerações Finais.....	94
10. Anexos.....	96
Anexo A – Carta de aceite do Comite de Ética em Pesquisa - PUCRS.....	97
Anexo B – Instrumento em catalão.....	99
Anexo C – Instrumento traduzido e adaptado	105
Anexo D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	111
Anexo E – Termo de Assentimento	113

Lista de siglas

ANATEL – Agência Nacional de Telecomunicações

Ibase – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA – Instituto de Pesquisas Econômicas Avançadas

I.R.Q.V – Institut de Recerca Sobre Qualitat de Vida

FGV – Fundação Getúlio Vargas

NSE – Nível sócio-econômico

NTIC – Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação

OMS – Organização Mundial da Saúde

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

SI – Sociedade da Informação

NÚMERO DA ÁREA DO CNPq

Área do conhecimento: Ciências Humanas

7.07.00.00-1- Psicologia

Introdução

Esta dissertação está integrado à linha de pesquisa que estuda o fenômeno das Novas Tecnologias de Informação e da Comunicação – NTIC desenvolvida pelo Institut de Recerca sobre Qualitat de Vida - IRQV, em Girona, Espanha, sob a orientação do Dr Ferrán Casas. A introdução dessa pesquisa no Brasil deu-se a partir do convênio de cooperação internacional (Brasil-Espanha), CAPES/MECD n° 098/06 realizado entre o grupo de pesquisa “Dinâmica das Relações Familiares”, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS, coordenado pela profa. Dra. Adriana Wagner e o IRQV.

A presente dissertação trata de um estudo sobre o uso do celular na adolescência e sua repercussão na família e grupo de amigos, desde a perspectiva psicossocial. Apresenta-se aqui, como resultado dessa pesquisa, dois artigos.

O artigo intitulado “*Repercussões do uso do celular na juventude e na família: um panorama da realidade brasileira*” trata de uma revisão teórica sobre o tema do uso do celular, descrevendo o panorama da telefonia móvel no Brasil, enfocando o papel do jovem e da família no processo de difusão dessa tecnologia. Neste artigo faz-se uma discussão a respeito das pesquisas desenvolvidas no Brasil acerca da utilização do celular por jovens, que é o maior público consumidor de tal tecnologia, descrevendo suas finalidades de uso e motivações de consumo. Também descreve-se um perfil do jovem brasileiro, contextualizando o espaço que ele ocupa na Sociedade da Informação no Brasil. Por fim, analisa-se a repercussão do uso do telefone celular nas relações familiares na fase da adolescência, discutindo como pais e filhos têm integrado tal tecnologia nesse momento evolutivo vital.

O segundo artigo, intitulado “*O Uso do telefone celular desde a perspectiva da adolescência*” apresenta os resultados da investigação com 534 adolescentes de ambos os sexos, de idades entre 12 e 17 anos, estudantes de escolas públicas e privadas da cidade de Porto Alegre. Esse estudo teve como objetivo descrever o perfil dos adolescentes quanto ao uso do telefone celular, compreender o que pensam a respeito da sua utilidade e investigar com quem eles costumam compartilhar conhecimentos acerca dessa tecnologia. Também buscou-se verificar associações entre o suporte social percebido pelo adolescente por parte da família e amigos através da Escala de Avaliação do Suporte Social (Vaux et. al, 1986) com o fato de ter ou não um telefone celular e com as variáveis sexo e idade. Para tanto, foram realizadas análises descritivas e inferenciais sobre os dados.

Em relação ao projeto de pesquisa intitulado “O uso do celular na adolescência e sua relação com a família e rede social de apoio” apresentado no primeiro ano do curso de mestrado e aprovado pelo Comitê de Ética da PUCRS, foram feitas modificações no título e nos objetivos do estudo a fim de melhor definir a proposta do trabalho.

Sendo assim, este documento está composto inicialmente pela introdução da dissertação, seguido pelos dois artigos. Ao final, apresentam-se as considerações finais acerca do processo de investigação e das experiências adquiridas ao longo da realização do curso de mestrado.

Fundamentação Teórica

Historicamente, o ambiente doméstico representa o espaço onde se desenrolam as relações familiares e pode ser considerado o cenário onde se configuram grandes revoluções de comportamento. Porém, o “novo” somente atravessa a fronteira da intimidade dos lares, a partir das trocas com o ambiente externo. Assim também foi a trajetória do telefone celular. Inicialmente, ele foi criado para fins profissionais, porém, rapidamente passou a ocupar um lugar de destaque tanto na esfera pública como na privada. A conquista de espaço foi alavancada por sua funcionalidade, e hoje ele pode ser considerado um dos utilitários mais importantes para facilitar o dia a dia das pessoas, quaisquer sejam suas necessidades.

A necessidade de comunicação é uma característica inata do ser humano, assim como a busca por instrumentos que facilitam seu processo adaptativo às demandas sociais. Nesse sentido, pode-se pensar a introdução do aparelho celular no cotidiano das pessoas como um fenômeno social que instaurou uma nova tecnologia, mas que ao mesmo tempo renovou-se para dar conta de uma necessidade antiga do homem: a de comunicar-se.

A comunicação humana, de acordo com Lorente (2002), têm suas raízes ainda no início da evolução de nossa espécie, há 50.000 anos. Já, a descoberta da possibilidade de modular a voz humana somente deu-se no século 19, com a invenção do telefone fixo. Como resultado da evolução na comunicação mediada por tecnologia, surgiu o telefone móvel que, há menos de duas décadas vem inserindo-se na sociedade e instaurando mudanças de ordem macrossocial.

A introdução da telefonia móvel é considerada mais como uma revolução sociológica do que tecnológica, porque a realidade é complexa e a massiva adesão das

peças pelo telefone móvel pode estar representando um profundo fenômeno social (Lobet-Maris & Henin, 2002). Como reflexo desse fenômeno, pode-se chegar a pensar no estabelecimento de novos paradigmas explicativos das relações humanas e da forma como se dá à comunicação entre as pessoas.

Daí a necessidade de compreender o panorama atual que através do advento das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação - NTIC exigiu uma re-configuração das cidades contemporâneas, transformando-as em Cidades Digitais (Castells, 2007) ou Cidades Globais (Lemos, 2005). Dentro desta perspectiva, o telefone celular, apresenta-se frente à sociedade como um elemento potencializador da desfragmentação do tempo e do espaço (Souza et. al, 2006).

Isto porque as novas possibilidades de interação oferecidas pelo telefone móvel imprimiram na sociedade contemporânea um novo jeito de se comunicar. O limite entre o público e o privado e a noção de tempo e espaço foi alterada e, conseqüentemente, as famílias e a sociedade em geral estão reagindo a essas mudanças.

Diversos são os propósitos pelo qual o celular é maciçamente adotado pela população desde que foi inserido no mercado. O que o diferencia do seu antecessor, o telefone fixo, é o fato dele ser portátil e permitir mobilidade ao seu usuário. Essa característica amplia suas possibilidades de uso e conseqüentemente aumenta a necessidade de consumo pela população, pois se adapta às exigências de seus mais diversos consumidores.

O advento da telefonia celular tornou possível o uso de uma linguagem comum simbolizada através do dígito, onde qualquer tipo de informação pode ser transmitida *by wire* ou *wireless* (sem fio). Nesse sentido a tecnologia da telefonia móvel está fazendo parte

de um processo de digitalização da vida cotidiana, inserindo no cotidiano das pessoas uma nova configuração do espaço urbano (Souza et. al, 2006).

O fato de um celular permitir o estabelecimento de uma comunicação à distância não foi uma novidade, pois desde o advento do telégrafo isso já era possível. A grande revolução deu-se com a inovação da tecnologia *wireless*. A possibilidade das pessoas se comunicarem em uma dimensão de espaço virtual, onde não existe um lugar específico de origem das chamadas e nem um outro para onde elas se destinam foi um dos maiores avanços na história da telefonia (Ling, 2002).

Conseqüentemente, ao oferecer uma maior mobilidade às pessoas, o aparelho celular também introduziu novas possibilidades de organização para as famílias e para a sociedade como um todo. De acordo com Castells (2007), as NTIC estão transformando as relações de tempo e de espaço re-configurando o espaço social em um espaço de fluxos.

Nesse sentido, uma das principais características resultantes do avanço da tecnologia midiática na comunicação humana são as relações virtuais estabelecidas por seus usuários. Essas são relações que se configuram entre pessoas que não estabelecem um contato físico e que não necessariamente precisam ter se conhecido previamente para dar início a uma interação.

De acordo com Nicolaci-da-Costa (2005), os relacionamentos virtuais mediados pelas novas redes de telecomunicação (Internet e telefonia celular), ainda despertam opiniões controversas entre estudiosos. Segundo a autora, o sociólogo polonês Zigmunt Bauman, por exemplo, posiciona-se radicalmente contra as relações virtuais oriundas da tecnologia, enquanto existe um forte movimento favorável à compreensão do fenômeno.

Para Bauman (2004), as relações virtuais estão estabelecendo um padrão que orienta todos os demais relacionamentos humanos. Segundo ele, o indivíduo vive em constante

ansiedade e insatisfação e a ausência de pontos de referência duradouros para a construção de sua identidade acaba causando um grande mal-estar e promovendo uma identidade instável. Nesse sentido, as relações virtuais são compreendidas como uma rede onde o contato é mais importante do que o conteúdo (Bauman, 2004). Então, desde esse ponto de vista, pouco importa o que as pessoas estão comunicando e sim o que vale é que elas estão interagindo.

Porém Nicolaci-da-Costa (2005), contra-argumenta explicando que os relacionamentos virtuais, não tendem a substituir os reais, mas sim a complementá-los. Da mesma forma, Castells (2007) defende que a virtualização da sociedade não significa o fim dos relacionamentos e sim os fortalece no sentido de que oferece às pessoas maior mobilidade de espaço e aumenta a flexibilidade de tempo para interagir.

Além da análise do fenômeno desde a ótica das ciências humanas, ele também pode ser explicado desde uma perspectiva da Ciência da Informação. Desde esse ângulo, pode-se compreender o telefone celular como um elemento revolucionário da tecnologia que junto com a informática e a micro-eletrônica, faz parte dos três pilares que construíram a Sociedade da Informação - SI (Souza et. al, 2006).

As influências do advento das NTIC estão bastante presentes na sociedade atual, pois se analisadas desde uma perspectiva histórica fazem parte de um fenômeno recente ainda em processo de desenvolvimento. Isto porque embora o surgimento do telefone celular remeta-se aos anos 70, foi somente na década de 80 que foi dado início a sua comercialização e na década de 90 que ele começou a se disseminar pelo mundo. No Brasil, a venda de aparelhos celulares remete-se ao ano de 1990, chegando ao país sete anos após o seu lançamento no mercado mundial (Teleco, 2008).

De acordo com a Agência Nacional de Telecomunicação - Anatel, o rápido crescimento do consumo dos aparelhos celulares no Brasil teve como fator determinante, a privatização da telefonia móvel, que até 1997 era um serviço estatal (Anatel, 2008). O Brasil aderiu rapidamente a essa tecnologia, pois no ano de 2005 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE realizou a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD, investigando o acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal e constatou que o número de domicílios com telefone celular (59,3%) superou os que possuem telefone fixo (48,1%). Outro dado interessante é que mais brasileiros têm telefone celular do que acessam a Internet. De acordo com o estudo, 21% da população com mais de 10 anos acessaram a Internet pelo menos uma vez. Já o celular tem uma taxa de penetração de 36,7% entre pessoas de 10 anos ou mais (IBGE, 2007).

Os resultados dessa pesquisa revelaram que o estado do Rio Grande do Sul é o único estado brasileiro a apresentar um percentual de uso na faixa dos 50 a 66% entre pessoas que possuem telefone móvel celular para uso pessoal, ou seja, é o único estado em que mais da metade da população possui um aparelho móvel (IBGE, 2007).

A cidade de Porto Alegre aparece como a capital brasileira onde um maior número de pessoas com 10 anos de idade ou mais (63,3%) possui um celular. Os dados referentes às pessoas de 10 anos ou mais de idade, na condição de estudante, novamente destacam a população da região sul (que compreende os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), como a maior consumidora de telefone móvel (51%). E, ao analisar a mesma variável segundo Unidades de Federação e Regiões Metropolitanas, a Região Metropolitana de Porto Alegre aparece em segundo lugar, (62,2%) no Brasil, perdendo somente para o Distrito Federal (65,2%) (IBGE, 2007). Esses dados revelam que o telefone celular está em franca expansão no país, acompanhando as tendências mundiais e que o

estado do Rio Grande do Sul está destacando-se nos altos índices de consumo de telefone móvel pela população.

Acompanhando o crescimento de consumidores de aparelhos celulares no Brasil e no mundo, foi também nesse período que pesquisas sobre o fenômeno começaram a ocupar um espaço de maior visibilidade no cenário mundial. Inicialmente, nos anos 80, as pesquisas estavam relacionadas a uma tentativa de mapear a abrangência do telefone celular na sociedade e analisar as possíveis interferências dessa tecnologia no mundo do trabalho, dos transportes, das relações sociais e relações familiares (Claisse & Rowe, 1987; Salomon, 1985; Hall, 1989).

Uma vez inserido de forma definitiva na sociedade, a partir da metade dos anos 90, teorias e pesquisas surgiram com a finalidade de compreender porque o aparelho móvel veio para ficar. Nesse sentido, pesquisas sobre mudanças nos padrões de comunicação começaram a ganhar força e oferecer suporte para a compreensão do fenômeno “telefone celular” (Rakow & Navarro, 1993; Keane, 1995; de Gourney, 1997; Katz, 1999).

Investigações sobre a utilização do celular desenvolveram-se desde perspectivas psicológicas (Campbell, 2006; Casas et. al, 2007; Charlton et. al, 2002; Nicolaci-da Costa, 2005; Yoon, 2006), sociológicas (Berg et. al, 2005; Fortunati, 2002; Ling e Hadonn, 2001; Katz & Sugiyama, 2006), econômicas (Elliott & Jankel-Elliot, 2003; Nysveen et. al, 2005; Robins, 2003), médicas (Dimonte e Ricchiuto, 2006; Sanz et. al, 2005) e legais (Nair, 2006).

No entanto essa é uma realidade recente, pois há cinco anos atrás, o panorama era outro. De acordo com Nicolaci-da-Costa (2004), existia uma diferença de cenários sobre o estudo do uso do celular e as investigações desenvolviam-se em diferentes países em conformidade com as necessidades específicas de cada contexto. Somente em 2002 com a

publicação da coletânea “*Perpetual contact: Mobile communication, private talk, public performance*” organizada por Katz & Aakhus (2002), reunindo artigos de várias procedências mundiais é que o panorama passou a tornar-se mais globalizado. E a partir dessas publicações, também foi constatado que o jovem representava o maior público consumidor dessa tecnologia (Nicolaci-da-Costa, 2004).

Com relação ao campo das ciências humanas, projetos relacionados à temática do uso do celular estão sendo desenvolvidos em diversas partes do mundo e revelando uma tendência entre os pesquisadores em investigar o assunto desde uma perspectiva transcultural. Isto é, realiza-se uma mesma pesquisa em diferentes países a fim de se compreender o fenômeno desde uma perspectiva macrossocial (EURESCOM project P903, 2001; Fortunati, 2002; Casas et al, 2007).

O Brasil, por exemplo, junto com outros quatro países (Espanha, Índia, África do Sul e Noruega) fez parte de uma grande pesquisa nessa modalidade. Nesse projeto, foram entrevistadas 8.995 crianças com idades entre 12 e 16 anos e 4381 pais, a fim de investigar as relações de pais e filhos com a mídia (Casas et. al, 2003). Os resultados dessa pesquisa revelaram uma tendência dos pais de todos os países investigados a mostrarem-se menos interessados em envolver-se com aparelhos midiáticos do que seus filhos, que conseqüentemente preferiam trocar informações sobre tais aparelhos com seus grupos de iguais.

Outra grande pesquisa envolvendo 6.609 sujeitos foi realizada na Europa entre os anos de 1996 a 1998 a fim de estudar o cenário europeu da telecomunicação (Fortunati, 2002). Dessa vez, foram analisados dados da Itália, França, Alemanha, Espanha e Reino Unido e os resultados demonstraram que a principal razão para se ter um telefone celular na Europa, era com a finalidade de utilizá-lo para trabalhar (25,7%), para emergências (22,5%)

e para resolver questões domésticas (19,2%). Dentro dessa mesma linha de pesquisa Fortunati, (2002) desenvolveu outros dois projetos dessa vez aplicados à população italiana.

Contrariando os resultados obtidos na pesquisa anterior, ao investigar a principal finalidade do celular na vida dos italianos, Fortunati (2002) constatou uma maior preocupação dos sujeitos entrevistados em utilizá-lo para fins domésticos (29,4%) do que para o trabalho (22,7%). Esse fenômeno demonstrou que o aparelho celular na Itália pode ser um instrumento reforçador dos laços familiares, uma vez que a aceitação do produto se associa positivamente com as pessoas que apresentavam maior necessidade de contatar com algum membro da família.

Outra investigação também de grande proporção, denominada “EURESCOM project P903” foi realizada no ano de 2000, envolvendo nove países europeus (República Tcheca, Dinamarca, Noruega, Alemanha, Reino Unido, França, Itália, Holanda e Espanha). Essa pesquisa investigou mais de 9000 sujeitos usuários e não usuários de telefone celular, Internet e de ambas ferramentas a fim de investigar o perfil de uso das NTIC no dia-a-dia das pessoas. A pesquisa também buscou investigar com que intensidade as pessoas utilizam as NTIC's e como elas incorporam a tecnologia no seu cotidiano (EURESCOM Project P903, 2001).

A partir da combinação de uma análise sócio-demográfica, de comportamento, de atitude e de estilo de vida, foi possível identificar que a idade era o fator mais importante para prever a adoção de um aparelho celular. Segundo os achados da EURESCOM project P903, em todos os países investigados, o maior número de portadores de telefone celular estavam compreendidos na faixa etária entre 15 e 24 anos e a partir dos 25 anos, o número de usuários tende a diminuir, apresentando decréscimos significativos na faixa etária dos 35 anos (Smoreda & Thomas, 2001).

Inclusive a Itália acabou alcançando o primeiro lugar em número de consumidores de celular em função dessa variável, pois mais de 90% da população desse país com faixa etária entre 15 a 24 anos possuem o aparelho. Esses dados foram determinantes para que os países nórdicos, onde a telefonia móvel foi inicialmente introduzida, perdessem o posto de primeiro lugar no ranking de consumidores. Um exemplo disso é a Noruega, que no ano de 2002 apresentou um índice de consumo por população jovem abaixo dos 85%. (EURESCOM Project P903, 2001).

Já, no Brasil, o país é considerado o primeiro país na América Latina em número de celulares (Teleco, 2008). Nos grupos de idades de 15 a 17 anos, os índices sobem para mais de 80% de posse de aparelho, destacando-se a região Centro-Oeste com uma quantidade de 86,3% usuários de telefone celular nesta faixa etária (IBGE, 2008).

Nesse sentido, pode-se destacar que a parcela da sociedade mais representativa com relação ao fenômeno do uso do telefone celular caracteriza-se pela população adolescente, que nasceu nos anos 90, junto com a expansão do telefone celular pelo mundo. Então, tendo em vista que essa tecnologia passou a fazer parte das vidas desses jovens desde muito cedo, eles podem ser considerados testemunhas ativas e passivas de uma revolução na área das telecomunicações.

A indústria do marketing também aposta na população jovem como um alvo potencial de investimento de novos produtos. De acordo com uma pesquisa de mercado, realizada no Reino Unido, e patrocinada por empresas de celulares, o público jovem consome “mobilidade” porque se sente livre do controle parental. Além disso, a mobilidade oferecida pelo telefone móvel, também os estimula a experimentar diferentes identidades através da personalização do aparelho, que é apresentado aos amigos como resultado de uma produção singular. Também nessa pesquisa observou-se que, conforme aumentava a

idade, o telefone celular ia perdendo espaço no mercado de consumo (Elliot & Jankel Elliott, 2003).

Ainda não existe um acordo entre as pessoas e as instituições em geral sobre como lidar com o uso da tecnologia, e o telefone celular é um dos principais representantes nessa questão. Quanto ao público jovem diferentes são as preocupações sobre o uso do celular na adolescência. No Brasil, a tentativa de regular o seu uso em escolas através do Projeto de Lei:132/07 representa esse movimento.

Já, na França, também foi criado um projeto de lei que proíbe o uso dos celulares nas escolas primárias e secundárias do país. Porém a preocupação do governo francês é preservar as crianças das ondas eletromagnéticas a que são submetidas em contato com o telefone. Os parlamentares franceses informaram a Organização Mundial da Saúde - OMS sobre a necessidade de se realizarem pesquisas específicas sobre o assunto (Folha de S.Paulo, 2007).

Diante desta realidade, também estão sendo desenvolvidas pesquisas voltadas a combater os riscos da tecnologia para a saúde. Para Sanz et. Al. (2005), a sociedade em geral e, mais particularmente os professores devem realizar um trabalho de educação sanitária sobre o consumo dos diferentes meios de comunicação estimulando o seu consumo racional e ensinando os alunos a serem críticos.

Também merece ser destacada a fundamental importância da participação dos pais sobre a utilização de aparelhos midiáticos. Com relação ao uso do celular nas relações familiares, Lorente (2002), argumenta que o comportamento parental pode apresentar-se favorável ou desfavorável quando o assunto diz respeito ao uso do celular por seus filhos. Ling e Haddon (2001), fazem uma analogia do celular como uma extensão da função parental explicando que pais lançam mão do aparelho com a finalidade de controlar seus

filhos e oferecer ajuda e proteção “à distância”. Essa pode ser uma alternativa para que os filhos se sintam mais seguros no processo de separação-individuação.

Por outro lado, a facilidade dos pais em acompanhar o dia-a-dia dos filhos através do uso do celular também pode se tornar um problema. O celular em si não necessariamente determina tipos de comportamento, mas a sua utilização pode interferir nas relações familiares de uma maneira indireta. Isto é, pais podem “abusar” do controle sobre seus filhos através do uso do celular enquanto filhos podem utilizá-lo como uma ferramenta para se libertar do controle parental.

Porém, Fortunati e Manganelli, (2002) contrapõem essa idéia ao introduzirem a teoria do “Grande Paradoxo”. De acordo com essa perspectiva, pais que pensam que controlam seus filhos através do celular e filhos que se sentem livres dos mesmos quando em poder do aparelho estão equivocados em seu raciocínio. De acordo com estas autoras ambos pensam erroneamente, pois nenhum dos lados está fazendo o que pensa fazer. Esse posicionamento é considerado um *simulacrum* teatral e não uma realidade, e o celular, diante disso, não passa de um aparelho que consolida tal *simulacrum*.

Pode-se pensar então que, se por um lado, a expansão tecnológica para dentro da esfera doméstica pode ter influenciado positivamente a adesão da sociedade ao uso do aparelho celular, por outro, ampliou as fronteiras de comunicação até um ponto onde ainda não se sabe exatamente onde está o seu limite.

Dentro da perspectiva do microssocial, isto é, das relações familiares, o celular, que deveria ser compreendido como mais um instrumento de comunicação entre pais e filhos, acabou ocupando um espaço com dimensões que extrapolam sua função primária de estabelecer uma comunicação inter-pessoal. Talvez, para a geração atual de jovens, o celular possa estar adquirindo uma função associada à condição de tornar-se adolescente.

E, esse movimento em favor do uso do celular na adolescência ocorre exatamente durante a fase do ciclo evolutivo vital relativo ao processo de construção da identidade do indivíduo (Erikson, 1998). Nesse sentido, o telefone celular acaba tendo uma participação na forma como o adolescente se percebe diante de si e dos outros, e na sua maneira de se inserir no ambiente.

A Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano, a partir do Modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner (Narvaz & Koller, 2004) destaca que o ser humano é um ser ativo e capaz de modificar-se e modificar o seu ambiente. O modelo bioecológico compreende o desenvolvimento humano a partir de quatro dimensões que se inter-relacionam: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo.

O processo, primeiro componente do modelo bioecológico, tem como ênfase os processos proximais que envolvem as interações da pessoa em desenvolvimento com os objetos e símbolos. A pessoa é compreendida como um ser com características determinadas biopsicologicamente e construídas na interação com o ambiente. O contexto agrega a interação de quatro níveis ambientais: microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema, que articulados de forma inter-relacional configuram o meio ambiente ecológico. Por fim, o componente tempo delimita a sua influência no processo de desenvolvimento de um indivíduo ao longo do ciclo vital (Narvaz & Koller, 2004).

Considerando-se a pessoa do adolescente, é possível conhecer como é o processo em que ele estabelece suas relações proximais, qual a influência do contexto na sua interação com o ambiente e como o tempo interfere no seu desenvolvimento. Desde a ótica do modelo bioecológico, pode-se pensar que as relações proximais nessa fase da adolescência tendem a se aproximar dos grupos de iguais e se afastar do grupo familiar. O contexto onde o adolescente se insere acompanha esse movimento. O microsistema

familiar torna-se mais permeável às influências do mesossistema, exo e macrosistema. Isto é, as relações advindas da escola, dos amigos do bairro e até dos amigos virtuais (mesossistema) são priorizadas, os adolescentes podem reagir com mais intensidade frente ao comportamento parental advindo de situações externas ao ambiente familiar (exossistema) e as regras e culturas da sociedade (macrosistema) podem ser determinantes nas suas escolhas e nas opções estilos de vida a serem seguidos (ex: sociedade do consumo).

Considerando-se então, que desde a perspectiva ecológica, o desenvolvimento se dá com vistas a uma mudança perdurável no modo como uma pessoa percebe seu ambiente e se relaciona com ele (González Tornaria; Vandemeulebroecke & Colpin, 2001), torna-se necessário o reconhecimento da interdependência entre todos os fenômenos que circundam o ambiente dos adolescentes a fim de compreender qual o papel que o telefone celular ocupa nesse processo. Nesse sentido, compreender a relação entre adolescente e telefone celular, desde o modelo bioecológico, pode ser uma tentativa de entender se para esses jovens, essa tecnologia é uma revolução na sua forma de lidar com o contexto em que vivem ou apenas uma revelação de um novo estilo de se comunicar com as pessoas.

Talvez os jovens da atualidade estejam sinalizando que em tempos de Novas Tecnologias de Informação e da Comunicação, a mobilidade e a instantaneidade adquiriram um status normatizante de comunicação. Isto é, a possibilidade de ficar próximo e ao mesmo tempo distante das pessoas introduziu novos padrões de relações inter-pessoais. No caso dos adolescentes, o fato de escolher com quem falar e para onde se deslocar passa a ter um valor de direito adquirido, quando o jovem está em posse de um telefone celular. Frente a essa realidade, o estudo do uso do celular na adolescência torna-se fundamental.

Objetivos

Objetivo geral

- Explorar e descrever aspectos relacionados ao uso do telefone celular na adolescência, a fim de mapear um perfil de utilização do aparelho durante este período evolutivo do ciclo vital.

Objetivos específicos

- Analisar as utilidades oferecidas pelo telefone celular na visão de adolescentes de ambos os sexos e diferentes idades;

- Investigar a opinião dos adolescentes acerca do telefone celular e avaliar com quem os jovens costumam compartilhar conhecimentos a respeito do aparelho;

- Avaliar o uso do celular quanto à idade, sexo e o fato de possuir um aparelho verificando associações com o suporte social percebido pelo adolescente relacionado à família e amigos.

Objetivo secundário

- Traduzir para o português e adaptar para o contexto brasileiro o instrumento Questionari per a nois i noies (ANEXO B), elaborado pela equipe do IRQV, da Universidade de Girona - UDG, Espanha (Malo & Casas , 2008).

Problema de Pesquisa

A adolescência é uma fase de transição, onde uma série de características estão se desenvolvendo com a finalidade de promover a individuação do jovem frente a sua família de origem. O uso de celular por jovens pode ser compreendido como mais uma ferramenta utilizada para essa finalidade.

O telefone celular é um instrumento que ajuda os jovens a se organizarem em tarefas do cotidiano e no planejamento de atividades, mas, além disso, favorece o desenvolvimento de maturidade e autonomia (Ling 2002). A busca por privacidade e pertencimento a algum grupo fora do âmbito familiar também está associada ao uso do celular na adolescência. Nesse sentido, o telefone celular oferece um espaço social exclusivo aos adolescentes, pois na posse de um aparelho se estabelece uma rede de contatos privada, fora do alcance de quem os supervisiona (Mante-Mejner & Piris, 2002).

Fortunati e Manganelli (2002), em sua teoria da “Irmandade Virtual” analisam esse fenômeno ao descreverem a existência de uma fraternidade sem dimensão temporal e espacial, advinda da solidão familiar encontrada em filhos únicos ou de pais muito ocupados em outras atividades que não as de interação com os mesmos. Elas atribuem que a falta de diálogo pais-filhos é preenchida pela comunicação entre filhos-amigos e nesse sentido, o celular acaba por preencher o sentimento de solidão inerente a essa realidade familiar.

Por outro lado, Ling (2002) argumenta que o comportamento parental relacionado ao uso do celular por seus filhos é mais favorável do que desfavorável, pois permite que eles mantenham suas tarefas de ajuda, proteção e controle à distância, fazendo com que seus filhos se sintam mais seguros no processo de separação-individuação.

Diferentes são os posicionamentos acerca do impacto do uso do celular na adolescência, portanto, o momento atual apresenta-se favorecedor ao estudo desse fenômeno. Frente a essa realidade pergunta-se:

- Quais as utilidades oferecidas pelo telefone celular na visão de adolescentes de ambos os sexos e diferentes idades;
- Qual a opinião dos adolescentes acerca do telefone celular e com quem os jovens costumam compartilhar conhecimentos a respeito do aparelho;
- Qual a relação entre o uso do celular por adolescentes quanto ao sexo, idade e o fato de possuir um celular associando-se com o suporte social percebido pelo adolescente relacionado à família e amigos.

Método

Delineamento do Estudo

Este estudo seguiu uma abordagem quantitativa e foi delineado a partir de um levantamento de caráter exploratório. A metodologia de pesquisa teve como finalidade explorar as características psicossociais de adolescentes de 12 a 17 anos com relação ao uso do telefone celular. O delineamento dessa investigação também buscou estabelecer o perfil dos participantes quanto ao uso do aparelho e sua relação com as variáveis do estudo.

Participantes

Participaram deste estudo 534 adolescentes com idades entre 12 e 17 anos, de ambos os sexos, alunos da sexta série do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio, procedentes de escolas públicas e privadas da cidade de Porto Alegre. O cálculo amostral foi realizado de acordo com o número de variáveis contidas no instrumento.

Instrumentos

O instrumento original - *Qüestionari per a nois i noies* (Anexo B) foi construído e validado pela equipe do IRQV, da Universidade de Girona, Espanha, (Malo & Casas, 2008). Na presente investigação, este questionário foi traduzido do catalão para o português e adaptado para a realidade brasileira, passando a ter a seguinte denominação: Questionário para uso de telefone celular (Anexo C).

Feito isso, foi realizado um estudo piloto com 20 adolescentes, a fim verificar a consistência interna do instrumento aferindo seu o padrão de fidedignidade através do cálculo de Alpha de Crombach. O resultado obtido foi 0,737.

O questionário é auto-aplicável, dividido em quatro partes e apresentando quatro escalas de respostas.

Parte 1: Levantamento descritivo: investigando idade, sexo e escola do participante e (NSE) Nível Sócio-Econômico dos pais (Hollingshead, 1975) e informações relativas à configuração da família do adolescente.

Parte 2: Levantamento exploratório: investiga diferentes atividades, opiniões e avaliações dos adolescentes sobre o uso do telefone celular. Essa segunda parte do questionário contém 2 escalas (Dicotômica e Likert) e está composta por 32 perguntas fechadas.

Parte 3: A fim de avaliar o nível de bem estar dos adolescentes, foi utilizada o Personal Wellbeing Index Scale – School Children; PWI-SC de Cummins & Lau, (2005). Esta escala é derivada da Personal Wellbeing Index Scale – PWI e adaptada para crianças em idade escolar, e para adolescentes. A escala contém oito itens de satisfação cada um correspondente a um domínio relacionado à qualidade de vida: padrão de vida, conquistas

na vida, relações pessoais, segurança, contato com a comunidade e visão de futuro. Os itens estão distribuídos em uma escala de 0 a 10 pontos, que variam de nada satisfeito, mais ou menos satisfeito a muito satisfeito.

Parte 4: A fim de avaliar o suporte social percebido pelo adolescente por parte da família e amigos são utilizadas sub-escalas derivadas da escala *Social Support Appraisals* (SSA) de Vaux et al. (1986) traduzida como Escala de Avaliação do Suporte Social. As duas sub-escalas apresentam 8 itens relacionadas à família e 7 itens direcionados aos amigos, somando um total de 15 frases distribuídas aleatoriamente e com opções de respostas elaboradas em uma escala likert de 5 pontos: 1- muito em desacordo, 2- em desacordo, 3- indiferente, 4- de acordo, e 5- muito de acordo.

Procedimento para coleta dos dados

Em um primeiro momento, foi feito contato com escolas da rede de ensino público e privado da cidade de Porto Alegre, a fim de apresentar o projeto de pesquisa. A partir do aceite da instituição em colaborar com a pesquisa, foi traçado um plano de coleta de dados atendendo às combinações e particularidades recomendadas pela direção de cada instituição.

Os dados foram coletados nas escolas mediante autorização prévia dos pais dos alunos através da assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Anexo D) e da própria instituição. A aplicação dos questionários foi feita nas salas de aula, ou em locais selecionados pelas escolas e considerados adequados para a aplicação.

Os participantes que se disponibilizaram em colaborar com a pesquisa assinarão um Termo de Assentimento (Anexo E), tendo em vista que são menores de idade. Após esse

procedimento, foi dada a instrução aos adolescentes para preencherem individualmente o questionário.

Procedimento para a análise dos dados

Inicialmente foi realizada uma análise descritiva dos dados a fim de observar o comportamento das variáveis em estudo (média, desvio-padrão, frequências e percentuais).

A fim de calcular a idade média dos participantes e comparar a relação entre as variáveis sexo e idade, foi utilizado teste T de Student. Posteriormente, utilizou-se o teste do Chi-quadrado a fim de verificar as possíveis diferenças entre as variáveis: possuir celular, sexo e idade dos sujeitos. Por fim, para analisar as diferentes utilidades do celular na visão dos adolescentes, compreender o que os jovens pensam sobre seu uso, com quem costumam compartilhar conhecimentos a respeito do aparelho e verificar associações entre o suporte social percebido pelo adolescente por parte da família e amigos através da Escala de Avaliação do Suporte Social (Vaux et. al, 1986) foi realizado o teste de Mann-Whitney, buscando associações entre as variáveis sexo e o fato de ter ou não um telefone celular, e o teste de Kruskal-Wallis, a fim de comparar as diferentes faixas etárias da amostra.

O nível de significância a ser utilizado nos testes estatísticos foi de 5% ($p < 0,05$).

O tratamento estatístico dos dados foi realizado através do programa estatístico SPSS versão 14.0.

Considerações Éticas

Neste estudo, foram resguardadas a confidencialidade e a privacidade das pessoas envolvidas no processo de coleta de dados. Foram respeitados os aspectos éticos de autonomia, beneficência e a não-maleficência em relação aos sujeitos. Desta forma, independentemente dos resultados obtidos nesta pesquisa, esses serão publicados em revistas científicas e/ou em qualquer outro meio de divulgação pública, respeitando as considerações éticas acima expostas.

Referências

Anatel (2008). Indicadores. *Agência Nacional de Telecomunicação*. Acesso em 23 de Maio de 2008, disponível em <http://www.anatel.gov.br/indicadores>.

Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar.

Berg, E.; Mörtberg, C. & Jansson, M. (2005). Emphasizing technology: socio-technical implications. *Information Technology & People*, 18 (4), 343-358.

Campbell, S.W. (2006). Perceptions of Mobile Phones in College Classrooms: Ringing, Cheating, and Classroom Policies. *Communication Education*, 55 (3), 280-294.

Casas, F.; Rizzini, I.; September, R.; Mjaavatn, P.E. & Nayar, U. (2007). Adolescents and Audio-visual Media in Five Countries. *Documenta Universtaria*. Girona: UDG Publicacions.

Casas, F.; Gonzalez, M. & Figuer, C. (2003). Parents, Children and Media: Some Data from Spain, Brazil, Norway, South Africa and India. In: *Promote or Protect? Perspectives on Media Regulations*. Cecilia von Feilitzen and Ulla Carlsson (eds). Göteborg: The International Clearinghouse on Children, Youth and Media – NORDICOM - Göteborg University.

Castells, M. (2007). *A Sociedade em rede: a era da Informação, Economia, Sociedade e Cultura*. Volume I. São Paulo: Paz e Terra.

Claisse, G. I. & Rowe, F. (1987). The telephone in question: questions on communication. *Computer Networks and ISND systems*, 14, 207-219.

Charlton, T.; Panting, C. & Hannan, A. (2002). Mobile telephone ownership and usage among 10-and 11 year-olds: participation and exclusion. *Emotional and Behavioral Difficulties*, 7 (3), 152-163.

Cummins, R. A. & Lau, A. L. D. (2005). *Personal Wellbeing Index – SC. Manual*

School of Psychology: Deakin University. Acesso em 5 de Abril de 2008. Disponível em: <http://acqol.deakin.edu.au/instruments/PWI/PWI-school.pdf>.

De Gourney, C. (1996). Waiting for the nomads: Mobile telephony and social change. *Rezeaux: The French Journal of Communication*, 4 (2), 25-37.

Dimonte, M.& Ricchiuto, G. (2006). Mobile Phone and young people. A survey pilot study to explore the controversial aspects of a new social phenomenon. *Minerva Pediatrica*, 58 (4), 357-363.

Eliot, R.& Jankel-Elliot, N. (2003). Using ethnography in strategic consumer research. *Qualitative Market Research*, 6 (4), 215-223.

Erikson, E. H. (1998). *O ciclo de vida completo*. Porto Alegre: Artmed.

EURESCOM project p903 (2001). Acesso em 23 de maio de 2007, disponível em: <http://www.eurescom.de>.

Folha de S.Paulo (2007). Acesso em 6 de Março de 2007, disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/>.

Fortunati, L. (2002). Italy: stereotypes, true and false. Em J. E. Katz and M. A. Aakhus, (Eds.) *Perpetual Contact: Mobile Communication, Private Talk, Public Performance*. New York: Cambridge University Press, NY, 42-62.

Fortunati, L.& Manganelli, A. M. (2002). El teléfono móvil de los jóvenes. *Revista de Estudios de Juventud*, 57 59-78.

González Tornaría, M. L. G.; Vandemeulebroecke, L. & Colpin, H. (2001). *Pedagogía Familiar: aportes desde la teoría y la investigación*. Montevideo: Ediciones Trilce.

Hall, P. (1989). *Cities of Tomorrow*. Oxford: Blackwell.

Hollingshead, A.B. (1975). *Four factor index of social status*. Department of Sociology, Yale University, unpublished working paper.

IBGE (2007). Pesquisa nacional por amostra de domicílios 2005 - Acesso a internet e posse de telefone móvel para uso pessoal. Rio de Janeiro: *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Acesso em 15 de Junho de 2008, disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acesoainternet/internet.pdf>.

Katz, J. (1999). *Connections*. New Brunswick, NJ:Transaction.

Katz, J.& Aakhus, M. A (Eds.) (2002). *Perpetual Contact: Mobile Communication, Private Talk, Public Performance*. New York: Cambridge University Press.

Katz, J.; Sugiyama, S. (2006). Mobile phones as fashion statements: evidence from student surveys in the US and Japan. *New Media & Society*, 8 (2), 321-337.

Keane, J. (1995). 'Structural transformations of the public sphere'. *The communication review*, 1, (1), 11-22.

Lemos, A. (2005). *Cibercidade II: a cidade na sociedade da informação*: Rio de Janeiro: E-papers.

Lobet Maris, C. I & Henin, J. (2002). Hablar sin comunicar o comunicar sin hablar : del GSM al SMS. Juventud y teléfonos móviles, *Revista de estudios de juventud*, 57, 101-114.

Lorente, S. (2002). Juventud y teléfonos móviles: algo más que una moda, *Revista de estudios de juventud*, 57, 9-24.

Ling, R. (2000). 'We will be reached': the use of mobile telephony among Norwegian youth. *Information Technology and People*, 13 (2), 102-120.

Ling, R.& Haddon, L. (2001). Mobile telephony, mobility and the coordination of everyday life. Acesso em 25 de Abril de 2007, disponível em: [http://www.telenor.no/fou/program/nomadiske/articles/rich/\(2001\)Mobile.pdf/](http://www.telenor.no/fou/program/nomadiske/articles/rich/(2001)Mobile.pdf/).

Ling, R. (2002). Chicas adolescentes y jóvenes adultos varones: dos subculturas del teléfono móvil. *Revista de Estudios de Juventud*, 57, 33-46.

Malo, S. & Casas, F. (2008). Cultures mediàtiques adolescents: Un estudi psicosocial centrat en el telèfon mòbil. *Tese de doctorado (não publicada)*. Programa de doctorat “Psicología i Qualitat de Vida”, Institut de Recerca sobre Qualitat de Vida i Departament de Psicologia, Universidade de Girona.

Mante-Meijner, E.& Piris, D. (2002). El uso de la mensajería móvil por los jóvenes en Holanda. 47-58. *Revista de Estudios de Juventud*, 57, 47-58, Jun.

Nair, A. (2006). Mobile Phones and the Internet: Legal Issues in the Protection of Children. *International Review of Law Computers & Technology*. 20 (1-2), 177-185, March-July.

Narvaz, M. J. & Koller, S.H. (2004). O Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano. in Koller, S. (org.). *Ecologia do Desenvolvimento Humano: pesquisa e intervenção no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2004). Impactos Psicológicos do Uso de Celulares: Uma pesquisa Exploratória com Jovens Brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20 (2) 165-174.

Nicolaci-da-Costa, A.M., (2005). Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo. *Psicologia & Sociedade*, 17, 2. Acesso em 24 de maio de 2007, disponível em: <http://www.scielo.br>.

Nysveen, H.; Pedersen, P. E & Thorbjornsen, H. (2005). Explaining intention to use mobile chat services: moderating effects of gender. *Journal of Consumer Marketing*. 22, (5), 247-256.

Rakow, L. F.& Navarro, V. (1993). Remote mothering and the parallel shift: women meet the cellular telephone. *Critical studies in mass communication*, 10, 144-157.

Robins, F. (2003). The Marketing of 3G. *Marketing Intelligence & Planning*. 21, (6), 370-378.

Salomon, I. (1985). Telecommunication and travel: substitution or modified mobility? *Journal of transport economics and policy*. 19. Sep. 219-235.

Sanz, B. A.; Figuero, C. R.; Pelayo, A. R.; Gómez Del Río, Z.; Herrero, M. H. & González, C. N. (2005). Consumo de los medios de comunicación en la adolescencia. *An Pediatr (Barc)*, 63 (6), 516-525.

Smoreda, Z. & Thomas, F. (2001). Social networks and residencial ICT adoption and use, Eurescom Summit 2001, *3G Technologies & Application*, Heidelberg, 12-15, Nov.

Souza, L. S.; Jambiro, O. & Borges, J. (2006). Cidades Digitais, Telefonia Móvel e Interação Social na Sociedade Brasileira Contemporânea. Acesso em 10 de Maio de 2007, disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/antiores/n49/mesa2.html>.

Teleco (2008). Quadro: Em Debate. *Telecomunicações Brasil*. Acesso em 16 de Maio de 2008, disponível em: <http://www.teleco.com.br/emdebate/quadros02.asp>.

Teleco (2008). Relatórios. *Telecomunicações Brasil*. Acesso em 16 de Maio de 2008, disponível em: <http://www.teleco.com.br/relatorios.asp>.

Yoon, K. (2006). The Making of neo-Confucian cyberkids: representations of young mobile phone users in South Korea. *New, Media and Society*, 8, (5), 753-771.

Vaux, A.; Phillips, J.; Holli, L. Thompson, B.; Williams, D. I. & Stewart, D. (1986). The Social Support Appraisals (SS-A) Scale: Studies of Reliability and Validity. *American Journal of Community Psychology*, 14, (2), 195-219.

ARTIGO 1

**REPERCUSSÕES DO USO DO CELULAR NA JUVENTUDE E NA FAMÍLIA: UM
PANORAMA DA REALIDADE BRASILEIRA**

Repercussões do uso do celular na juventude e na família: um panorama da realidade brasileira

Fabiana Verza*
Dra. Adriana Wagner**

Resumo

Este artigo objetiva analisar o panorama da telefonia móvel no Brasil, desde uma perspectiva psicossocial, enfocando o papel do jovem e da família no processo de difusão dessa tecnologia no país. Apresenta-se e discute-se pesquisas sobre o jovem e o uso do celular, descrevendo suas finalidades e motivações de consumo, já que este é o principal público consumidor de telefone móvel no país. Descreve-se um panorama do jovem brasileiro e do espaço que ele ocupa na Sociedade da Informação no país. Faz-se uma análise da repercussão do uso do celular nas relações familiares em famílias com filhos jovens, a fim de se compreender como pais e filhos estão integrando a tecnologia do telefone móvel a essa fase do ciclo vital.

Palavras-chave: telefone celular, adolescente, família, Sociedade da Informação

Abstract

This article is analyze the use of mobile phones in Brazil, under a psychosocial perspective, focusing on the role of young people and the family in disseminating such technology in the country. It presents and discusses previous investigations on the use of mobile phones by young people, describing its aims and consumption motivations. Young people are Brazil's main consumer group of mobile phone in the country. The article provides an outlook of brazilian youth and its participation in the country's Information Society. The repercussions of the use of mobile phones in family relationships are analyzed, including families with young people. The objective is to understand how parent and teenagers handle mobile phone's technology in their relationships in this important phase of the life cycle.

Key-words: mobile phone, young, family, Information Society

* Mestranda em Psicologia Social e da Personalidade - PUCRS, bolsista CNPq, Psicóloga.

** Orientadora, Doutora em Psicologia, Professora PUCRS, Pesquisadora CNPq.

Introdução

Embora o surgimento do telefone celular remeta-nos aos anos 70, somente na década de 80 que foi dado início a sua comercialização, ocorrendo a sua expansão mundial na década de 90. Estas três décadas também foram marcadas pela evolução da tecnologia digital que configurou a Sociedade da Informação. Nesse contexto surge o paradigma da tecnologia da informação onde a abrangência, a complexidade e a disposição em rede definem a forma como a informação se processa na atualidade. Como característica desse fenômeno, surge a convergência de tecnologias para um sistema integrado (Castells, 2007). E o telefone celular, nesse processo, pode ser considerado o principal representante dessa chamada convergência tecnológica. Isto porque ao integrar texto, áudio, imagem e números em um mesmo aparelho inicia-se o consumo de informações multimídia e a disseminação de conteúdos do tipo info-entretenimento (Mantovani, 2006), e intensifica-se o movimento de digitalização da vida cotidiana.

No Brasil, a venda de aparelhos celulares iniciou-se em 1990, sete anos após seu lançamento no mercado mundial (Teleco, 2008). De acordo com a ANATEL (Agência Nacional de Telecomunicação), o rápido crescimento do consumo dos aparelhos celulares no Brasil teve como fator determinante a privatização da telefonia móvel, que até 1997 era um serviço estatal (Anatel, 2008). Segundo dados do último relatório Teleco, o Brasil é o quinto país no *rankig* de consumo de telefone celular com um índice de 144,8 milhões de celulares distribuídos em uma densidade de 76,22 cel/100 habitante (Teleco, 2008).

Em uma investigação sobre como a sociedade brasileira lida com as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação – NTIC's, mais especificamente, com o

telefone celular, Souza et al (2006) identificaram que a população brasileira ainda utiliza a tecnologia do telefone móvel de forma síncrona; isto é, os recursos do aparelho celular são basicamente utilizados com a finalidade de se estabelecer uma comunicação inter-pessoal. Enquanto isso, países europeus apresentam um perfil de utilização assíncrona do celular: acesso à Internet, download de imagens, armazenamento de arquivos, entre outros (Souza et. al, 2006).

Nessa perspectiva, Castells (2007) distingue três estágios evolutivos de uso das novas tecnologias de telecomunicação. O primeiro refere-se à automatização de tarefas, o segundo a experiência de uso e o terceiro a reconfiguração das aplicações. Para se chegar ao terceiro estágio, os sujeitos devem sair do papel de consumidores passivos e tornarem-se agentes produtores de tecnologia. No entanto, essa mudança depende do estágio de desenvolvimento tecnológico de cada sociedade. No Brasil, Mantovani (2006) argumenta que as políticas de inclusão digital ainda não avançaram para além da promoção do acesso à infra-estrutura tecnológica. Predomina, então, no mercado consumidor de telefonia móvel brasileiro, a busca por experimentar essa tecnologia em detrimento de transformá-la ou produzi-la.

No entanto, isso não significa que no Brasil o celular não possa ser considerado como um dos principais meios de comunicação responsáveis pela difusão da informação e expansão da tecnologia. O que interfere de fato na forma sincrônica como ele é utilizado é, basicamente, o fator econômico, pois o custo dessa tecnologia é maior no Brasil, comparativamente a outros países (Rizzini et. al, 2007). O Brasil já é considerado o primeiro país na América Latina em número de celulares (Teleco, 2008) e conforme dados do IBGE (2007), o número de domicílios com telefone celular (59,3%) superou os que

possuem telefone fixo (48,1%). Além disso, mais brasileiros têm contato com o telefone celular (36,7%) do que acessam a Internet (21%)(IBGE, 2007).

No entanto, não dispomos de resultados de pesquisas até o momento atual, que dêem conta da diversidade de contextos sócio-econômico-culturais que configuram a sociedade brasileira. O principal desafio para o país, em termos de pesquisa científica nessa temática, é a falta de recursos e investimentos em projetos que possam abranger a totalidade da população consumidora de telefone celular.

Nessa perspectiva, Nicolaci-da-Costa (2004) refere que o panorama brasileiro sobre pesquisas na temática do uso do telefone celular apresenta algumas semelhanças com o internacional, por dois motivos. Primeiramente, as buscas em bases de dados nacionais revelam poucas pesquisas voltadas à análise dos impactos psicossociais do uso do celular. Em segundo lugar, observa-se uma recorrente constatação de que os jovens representam sempre, nos mais diversos países onde são investigados, o maior público consumidor dessa tecnologia.

Dentre as pesquisas realizadas, um aspecto importante é a associação entre o uso do celular e a segurança. Assim como em outros países, as pesquisas no Brasil também indicam que o telefone celular promove sensação de segurança. Está comprovado que, desde a perspectiva das relações familiares, o aparelho pode servir como uma ferramenta de auto-proteção para os jovens e de monitoramento dos filhos pelos pais (Nicolaci-da-Costa, 2004; Nicolaci-da-Costa 2007).

O fator segurança agregado ao uso do telefone celular deve ser explorado no contexto brasileiro considerando-se as diferentes realidades sócio-econômica-culturais que caracterizam o país. Embora o acesso à tecnologia de uma maneira geral não seja facilitado

igualmente a todos os jovens, já é possível perceber que, ao menos no que concerne ao telefone celular, ele é um objeto de consumo e de desejo dos jovens de todas as camadas sociais. Prova disso são os resultados de uma pesquisa com adolescentes de diferentes países onde observou-se que jovens brasileiros são os que mais utilizam celular (81%) no mundo(Playground Digital, 2007).

Nesse sentido, pode-se pensar então, que a tecnologia já faz parte das necessidades dos jovens brasileiros e as condições de acesso aos recursos tecnológicos tornaram-se um aspecto de grande relevância social no Brasil. A família pode ser uma alternativa para dar conta dessa demanda, principalmente no que concerne ao uso do telefone celular por jovens. Mas quem são os jovens do Brasil? O que o uso do celular pela juventude reflete na sociedade brasileira? O panorama do uso do telefone celular no Brasil pode ser traçado tomando como ponto de partida a análise de quem são os protagonistas da expansão da utilização do telefone móvel no país: os jovens. A partir disso, será possível compreender qual a repercussão desse fenômeno na esfera pública (sociedade) e privada (família) e qual sua contribuição para o desenvolvimento da Sociedade da Informação.

Pesquisas em foco: juventude e telefone celular – a realidade brasileira

Atualmente, já é possível mapear no Brasil estudos psicossociais envolvendo populações dos estados brasileiros com maiores índices de consumo do aparelho móvel. Embora os dados não representem a totalidade da população brasileira, já é possível conhecer como a juventude de algumas regiões do país lida com a tecnologia do telefone celular.

Em 2005 foi realizado pelo canal MTV Brasil o terceiro Dossiê Universo Jovem com o objetivo de identificar tendências, compreender comportamentos e traduzir as atitudes do jovem brasileiro com idades entre 15 e 30 anos. Foram investigados 2359 jovens de todos os níveis culturais e sócio-econômicos, residentes nas cidades de Brasília, Porto Alegre, São Paulo (capital e interior), Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador e Recife (Dossiê Universo Jovem, 2005).

Os resultados dessa pesquisa indicaram que a comunicação entre os jovens adquiriu novas linguagens e hoje é possível selecionar o tipo de canal de comunicação de acordo com o que se quer dizer, para quem se quer dizer e em que tempo se quer dizer. Dentro dessa ótica, o telefone celular é considerado o utilitário básico para localizar alguém e ser localizado e, principalmente, representa uma comunicação direta sem interlocutores que precedam o contato. Em função disso, a posse de aparelhos de telefone celular aumentou vertiginosamente entre os anos de 1999 (primeiro Dossiê) e 2005. O uso dessa tecnologia pela parcela mais abastada da população jovem brasileira subiu de 19% em 1999 para 71% em 2005 e, aproximadamente 79% dos jovens usam o "torpedo" do celular para falar com seu grupo de amigos (Dossiê Universo Jovem, 2005).

Em 2007, a Nickelodeon Brasil realizou em doze países a pesquisa *Playground Digital*, com o objetivo de entender como a tecnologia influencia no estilo de vida de crianças e adolescentes entre 8 e 14 anos, e como eles reagem emocionalmente aos estímulos tecnológicos. Observou-se que cada país utiliza a tecnologia de uma maneira diferente. No México, por exemplo, o celular é valorizado como um item de segurança. Já no Brasil, além do item segurança, crianças e adolescentes destacam o elemento de status social que essa tecnologia oferece, considerando a posse de um aparelho celular um

elemento de projeção social na sociedade de consumo onde o jovem está inserido (Playground Digital, 2007).

Isto é, ao possuir um aparelho móvel, o jovem sente-se um participante ativo no meio em que vive, se percebe seguindo padrões estabelecidos pela cultura e, conseqüentemente, se sente mais pertencente a ela. Nesta fase do ciclo vital a tentativa de afirmar uma identidade e de pertencer a um grupo é prioridade entre os jovens. E o telefone celular neste processo, parece estar auxiliando em tal tarefa em função do valor social que a ele foi agregado.

A indústria do marketing brasileira já captou essa dinâmica da sociedade da informação e aposta na população jovem como um alvo potencial de investimento de novos produtos. Em um estudo realizado em 2008, denominado “Geração 90 - Um novo conflito de gerações”, foi constatado que a juventude tem extrema importância para as abordagens de marketing no mercado brasileiro. O estudo investigou o comportamento de jovens nascidos nos anos 90, que hoje têm entre 16 e 17 anos, somam 6,7 milhões e representam 3,5% da população, sendo que 22% trabalham, 88% estudam e 45% já não vivem com os pais. Os resultados revelaram que a presença da tecnologia no dia-a-dia dos jovens é potencializada, devido ao crescente envolvimento e importância atribuídos à vida virtual e a realização de multitarefas -fazer várias coisas ao mesmo tempo - nessa faixa etária (o3 Digital, 2007).

Frente a isso, pode-se perceber que a praticidade do produto e a instantaneidade de comunicação são aspectos potencializadores da identificação do jovem por essa tecnologia, pois ela favorece elementos essenciais que ele busca para si nesse momento da vida. A

indústria brasileira do marketing percebeu essa relação e investe nesse público por reconhecer que o celular impera entre suas preferências de consumo atuais.

A pesquisa “Juventude Brasileira e Democracia – participação, esferas e políticas públicas” investigou 8.000 jovens de todos os níveis sócio-econômico-culturais, com idades entre 15 e 24 anos, que habitam sete regiões metropolitanas e Distrito Federal, a fim de conhecer o perfil do jovem no que se refere à educação, situação familiar, trabalho, mídia e acesso à cultura. O objetivo foi realizar uma pesquisa de opinião onde através de Grupos de Diálogo os jovens pudessem ouvir uns aos outros, expressar suas opiniões e trocar experiências acerca de sua situação no país. Quanto a sua relação com a mídia, cultura, lazer e informação, observou-se que 69,2% dos jovens usam seu tempo livre freqüentando shopping-centers, 85,8% disseram estar informados através da televisão e 51,2% não tem acesso a computador (IBASE, 2005). Nessa investigação não foram levantados dados quanto ao uso do telefone celular. No entanto, considerando-se que mais de 80% da população jovem tem acesso a tal utilitário porque ele ainda é periférico em investigações que envolvem mídia e juventude brasileira?

Segundo Mantovani (2006), a trajetória evolutiva dos meios de comunicação seguiu um movimento dinâmico partindo do oral para o escrito, do escrito para a imprensa, da imprensa para as mídias eletrônicas (rádio e televisão) e desta para as tecnologias digitais. Embora no Brasil, as mídias eletrônicas ainda predominem como recursos de entretenimento mais acessados pela população, a tecnologia digital, tendo o celular como o seu carro-chefe, expande-se em ritmo acelerado. E, o público jovem brasileiro pode ser considerado o grande responsável pela expansão da tecnologia digital no país.

No entanto, pesquisas nacionais voltadas à compreensão do uso do celular na adolescência ainda são escassas, ou em sua grande maioria, limitam-se a camadas

específicas da população brasileira. Nessa perspectiva Rizzini et al, (2005) pesquisou 949 jovens da cidade do Rio de Janeiro de camadas médias da população, com idades entre 11 e 17 anos, como objetivo de conhecer a interação entre os adolescentes com as novas mídias nos seus espaços de convivência e relacionamentos com a família, a escola e o grupo de amigos. Embora as mídias mais citadas na preferência dos adolescentes tenham sido a televisão, videogame e jogos para computador, mais da metade dos participantes da pesquisa (71,3%) referiram fazer uso do celular, e 45,1% deles declararam que usam esse equipamento durante a maior parte do dia.

Também no Rio de Janeiro foi desenvolvida uma pesquisa que buscou avaliar qualitativamente o impacto psicológico do uso de celulares em 20 jovens com idades entre 18 e 25 anos, de nível sócio-econômico médio. Os resultados desse estudo apontam que o uso do telefone celular por jovens insere novos indicadores de mudanças micro-sociais que evoluem para mudanças psicológicas. Dentre eles, predomina a necessidade dos jovens em ter o telefone sempre por perto em função do aparelho fornecer mais liberdade, autonomia, segurança e privacidade. Outro resultado encontrado é que o celular permite um acesso imediato à rede social de apoio do jovem. Em função disso, é considerado como um recurso que subsidia o nomadismo e na sua falta gera uma nova forma de solidão: a solidão do sedentário que habita um mundo de nômades (Nicolaci-da-Costa, 2004).

Frente a esses dados pergunta-se: Qual é o real espaço que o telefone celular ocupa na vida dos jovens brasileiros? De acordo com Rizzini et al (2005), o celular ainda é utilizado pelos os jovens para se relacionarem entre si, com outros grupos e com a cidade moderna. No entanto, a acessibilidade oferecida pelos recursos do telefone celular, as mensagens instantâneas, acesso à Internet e a outros recursos midiáticos são grandes atrativos para quem quer “procurar e ser procurado”. E, sendo a acessibilidade um

importante aspecto de vida social dos jovens, o impacto de ter um celular nesse período é maior do que na fase adulta, pois auxilia no seu processo de socialização. Inclusive para os mais tímidos, a possibilidade de ligar para amigos sem precisar falar com os pais deles, ou enviar mensagens sem precisar olhar no olho, pode ser um ótimo recurso, facilitador da interação social (Madell & Muncer, 2005).

Frente a esses resultados, percebe-se então que o telefone celular é altamente valorizado pelos jovens brasileiros em função do que ele representa. Usa-se o aparelho para uma comunicação que extrapola o sentido clássico de proporcionar o exercício da sociabilidade. Isso porque a posse de um celular comunica um estilo de vida, um recurso de entretenimento, uma busca por pertencimento e uma forma do jovem se inserir no mundo. Frente à pluralidade de funções de um telefone celular e a diversidade de jovens que o utilizam, é possível considerar que a tecnologia móvel se move em ritmo acelerado acompanhando o desenvolvimento da Sociedade da Informação. O Brasil já faz parte desta Era da Mobilidade e o público jovem é testemunha ativa desse processo. Daí a importância em conhecer quem são os agentes dessa expansão digital no país.

Quem são os jovens do Brasil? Um panorama do grupo que representa o maior público consumidor de telefone celular no país.

A parcela da sociedade mais representativa quanto à posse de telefone celular é a população jovem, que nasceu nos anos 90, junto com a expansão do telefone celular pelo mundo. Mas afinal, quem são os jovens brasileiros da atualidade? E por que eles são os maiores consumidores de telefone celular no país?

Os jovens brasileiros representam um contingente populacional bastante significativo e têm uma participação importante no processo de desenvolvimento do país. Segundo a ONU, compreende-se por jovens pessoas que pertencem ao grupo etário de 15 a 24 anos e o Brasil segue esse padrão internacional de classificação. De acordo com o último censo, a população jovem compreende 35,2 milhões e representa 20% da população brasileira (IBGE, 2007), acompanhando a tendência dos dados referentes à América do Sul, onde eles constituem 20% a 25% da população (IBASE, 2008).

No entanto, em termos psicossociais, fala-se no país em “condição juvenil”. Compreende-se por condição juvenil o modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo de vida, considerando-se a abrangência social – classe, gênero, etnia e a dimensão histórico geracional que circunda o ambiente onde o jovem está inserido (Abramo, 2000).

A condição juvenil brasileira é diversificada, pois varia de acordo com a situação socioeconômica específica de cada grupo (Sarriera et al, 2007) e expressa as diferentes oportunidades disponíveis para cada um destes grupos (IPEA, 2008). Nesse sentido, a condição juvenil brasileira é caracterizada pela vida estudantil (58%) e pelo mundo do trabalho, onde a grande maioria (78%) já tem ou busca algum contato (Venturi e Abramo, 2000).

Também é possível observar que existe uma relação entre o acesso à tecnologia do telefone móvel e a situação socioeconômica da população brasileira de cada estado do país. No ano de 2005 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, realizou a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD, investigando o acesso da população brasileira à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal. Os dados referentes

à posse de telefone móvel, segundo os grupos de idades na faixa etária jovem destacaram a região Centro-Oeste do Brasil com maiores índices de consumo (IBGE, 2007).

Essa região é compreendida pelos estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal, onde está Brasília, a capital federal do Brasil. A posse de telefone celular entre o grupo de 11 a 14 anos revelou que em todos os estados brasileiros mais de 50% da população nessa faixa etária possui o aparelho, destacando-se a região Centro-Oeste com um índice de 71,3% de posse de celular. Nos grupos de idades de 15 a 17 anos, os índices sobem para mais de 80% de posse de aparelho para cada região do Brasil, destacando-se novamente a região Centro-Oeste com 86,3% de usuários do aparelho (IBGE, 2007).

De acordo com o IBGE, 65,2% da população do Distrito Federal, segundo a condição de estudante, possui telefone móvel. Esse é o mais alto índice no país. Frente a esses resultados, constata-se que a facilidade de acesso ao telefone celular no Brasil apresenta altos índices de consumo nas regiões com melhores indicadores sociais do país: Centro-Oeste: 47,5%; região Sul (estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina): 47,6% e região Sudeste (estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo): 41% (IBGE, 2007).

Pode-se observar que a adesão da população brasileira ao telefone celular está relacionada aos índices de desenvolvimento sócio-econômico de cada região do país. No entanto, quando analisada segundo o critério de idade, percebe-se que independentemente do estrato social a que pertence o jovem no Brasil, o telefone celular é considerado por esse grupo como um item prioritário de investimento. Desta forma, a maciça adesão da população jovem a este bem de consumo deve ser analisada desde uma perspectiva psicossocial, pois tal movimento reflete como a cultura está respondendo a esse fenômeno.

Segundo a ONU, os jovens pertencem a uma “cultura impulsionada pela mídia” e, chega-se a dizer que aqueles que não podem desejar os bens e valores cultuados por essa mídia acabam perdendo o direito de sonhar.

Nesse sentido, o que era para ser apenas uma ferramenta para aprimorar a comunicação entre as pessoas, acabou se transformando num fenômeno que interferiu sobremaneira nas relações sociais em nosso país. Isto porque a posse de um telefone celular entre a camada jovem da população brasileira pode representar o passaporte para a liberdade e a inserção grupal ou para o aprisionamento e isolamento. Na condição juvenil, busca-se o pertencimento ao grupo e melhores formas de comunicação, mas a que preço isso é conquistado? Frente a essa realidade, deve-se pensar em que condições a população jovem está aderindo maciçamente ao uso do telefone celular. Quais são as formas de acesso do jovem a este recurso tecnológico? Quais são suas prioridades de uso? E qual o papel da família nesse processo?

A repercussão do uso do celular nas famílias brasileiras: como se dá a relação pais, filhos e telefone celular?

Diversas foram às mudanças introduzidas pelo telefone celular nas relações familiares. O telefone celular conquistou um espaço considerável nas famílias com filhos adolescentes e acabou tendo uma participação ativa no processo de independização e construção da identidade dos jovens. A inserção da tecnologia no cotidiano das famílias instaurou novos padrões de comunicação entre pais e filhos, tornando mais desafiadora a tarefa de se relacionar em tempos de NTIC. Frente a essa realidade, como pais e mães do

Brasil estão equacionando a tecnologia do telefone móvel com as tarefas desenvolvimentais típicas das famílias com filhos jovens?

Está comprovado que os pais não são os principais aliados para compartilhar os assuntos relacionados à tecnologia em geral (Casas et. al, 2007), e o mesmo ocorre quando se fala em telefone celular (Malo & Casas, 2008). Uma pesquisa envolvendo o Brasil e outros quatro países (Espanha, Índia, África do Sul e Noruega) comparou a repercussão do telefone celular nas relações entre pais e filhos. Foram entrevistadas 8.995 jovens com idades entre 12 e 16 anos e 4381 progenitores. Os resultados indicaram uma tendência dos pais a mostrarem-se menos interessados em envolver-se com aparelhos midiáticos do que seus filhos, que conseqüentemente preferiam trocar informações sobre tais aparelhos com seus grupos de iguais (Casas et. al, 2003; Casas et. al, 2007).

Entretanto, a tecnologia permeia as relações entre pais e filhos mesmo que a família não seja o ambiente preferido dos jovens para tratar de assuntos referentes a ela. Quando a tecnologia em questão trata-se do telefone celular, deve-se buscar compreender quais as principais ligações que conectam pais e filhos nessa rede de comunicação sem fio.

No sistema familiar, a juventude dos filhos é uma etapa que faz parte do ciclo evolutivo vital da família e demanda um aumento da flexibilidade na relação pais e filhos a fim de fomentar a independência dos jovens (Carter & McGoldrick, 2001). Nesse processo, as fronteiras familiares que são barreiras invisíveis que regulam a permeabilidade para a entrada e saída das emoções entre os membros do sistema familiar (Ríos-González, 2003), devem também ser redefinidas. As fronteiras destinam-se à proteção e diferenciação dos membros no contexto da família.

O telefone celular, nessa dinâmica, pode ser um grande aliado na tarefa de delimitar fronteiras entre pais e filhos adolescentes. Isto porque a partir de sua inserção nas relações

familiares, barreiras físicas e simbólicas são quebradas ampliando as fronteiras de comunicação do espaço real para o nível virtual (Nicolaci-da-Costa, 2004). Em função disso, as negociações entre pais e filhos não mais ficam restritas ao espaço físico da casa. Então, o que já era desafiador acabou ficando mais complexo, isto é, como estabelecer fronteiras entre os membros da família frente a tal tecnologia?

O telefone celular permitiu uma maior flexibilidade nas combinações e estabelecimento de regras, em função do filho poder estar próximo mesmo longe de casa (Williams & Williams, 2005). Essa nova tecnologia representa para o jovem um atalho na comunicação, pois elimina a necessidade de intermediários para falar com quem se deseja; ultrapassa os limites de horário e local, as vezes, impróprio para comunicar-se, assim como burla as restrições familiares a determinadas ligações. Frente a isso, o comportamento parental pode apresentar-se favorável ou desfavorável quando o assunto diz respeito ao uso do celular por seus filhos. Sua utilização é favorável quando auxilia nas tarefas educativas, no processo de separação entre pais e filhos e na independização dos jovens.

Exemplo disso é quando o celular favorece o exercício da função parental, onde pais lançam mão do aparelho com a finalidade de controlar seus filhos e oferecer ajuda e proteção “à distância” (Ling & Haddon, 2001; Nicolaci-da-Costa, 2006). Essa pode ser uma alternativa saudável para que os filhos se sintam mais seguros no processo de separação-individuação, tendo em vista que esse é um movimento gradual e progressivo. Possuir um celular, além de garantir a sensação de segurança e proteção pode também auxiliar na tarefa de se “diferenciar” dos pais e de “pertencer” a um novo grupo (Katz & Sugiyama, 2007).

Em muitas famílias, por exemplo, o jovem adquire um diferente *status* ao ganhar um celular. Simbolicamente, esse aparelho auxilia no rito de passagem para uma nova fase no ciclo vital da família e do próprio jovem. Isto porque dar o aparelho pode significar uma

atitude de confiança dos pais sobre os filhos, que por sua vez, através desse ritual, percebem-se prontos para desfrutar da autonomia e liberdade por eles tão desejada (Lobet-Maris & Henin, 2002). Assim, um adolescente com um celular, significa maior tranquilidade para pais e filho frente às saídas de casa, a experimentação da vida noturna, viagens e tantas outras experiências que inauguram-se nessa fase da vida do jovem.

No entanto, a facilidade dos pais em acompanhar o dia-a-dia dos filhos através do uso do celular também pode se tornar um problema. O celular em si não necessariamente determina padrões de comportamento, mas a sua utilização pode interferir negativamente nas relações familiares. É nesse momento que o uso do aparelho é considerado desfavorável na relação entre pais e filhos. Alguns pais podem “abusar” do controle sobre seus filhos através do uso do celular enquanto filhos podem utilizá-lo como uma ferramenta para se libertar do controle parental (Ling, 2000). Considerando que a fase da adolescência pode favorecer a emergência de uma série de conflitos dentro da família (Wagner, Falcke, Silveira & Mosmann, 2002), a forma de utilização do telefone celular pode ser tema potencializador de situações estressantes entre todos os membros do sistema familiar.

Conflitos típicos envolvendo pais, filhos e telefone celular podem ocorrer quando a renda familiar não está compatível ao consumo do jovem pelo aparelho, principalmente quando ele não tem renda própria para financiar seus recursos, por exemplo. Nesses casos, a utilização do sistema pré-pago de telefonia móvel é a mais indicada, pois permite aos pais um maior controle sobre os gastos dos filhos. Em uma pesquisa com 392 adolescentes, com idades entre 12 a 17 anos realizada na cidade de Viçosa, Minas Gerais, foram encontrados quatro grupos de jovens com diferentes características quanto ao uso de telefone celular. Quanto a variável tipo de plano que paga, predominou entre os participantes, a opção pelo sistema pré-pago em três dos quatro grupos. Apenas o grupo com maior renda familiar

respondeu utilizar o plano pós-pago em função de serem os pais os responsáveis pelo pagamento dos gastos com o aparelho (Luiz, 2008).

Percebe-se então, que a questão econômica é um fator importante na decisão de dar um celular para o filho, principalmente quando não é ele quem irá arcar com os custos de sua utilização. Uma alternativa para diminuir custos e manter o contato é a comunicação através de mensagens de texto. Além de ser mais econômico, as trocas de mensagens permitem uma interação não invasiva com o filho e possibilitam uma comunicação em lugares onde não se escuta a voz ao telefone, ou em locais onde não é possível falar em voz alta. Nesse sentido, a necessidade de estar acessível é suprida por meio da tecnologia móvel e torna-se positiva quando as fronteiras entre pais e filhos são respeitadas.

Investigando essa temática com 40 adolescentes e seus pais a fim de verificar as mudanças no ambiente familiar após a inserção do telefone celular, Luiz (2008) observou que tanto os adolescentes quanto os pais tiveram a mesma percepção sobre as mudanças no relacionamento familiar após a inserção do celular na vida do jovem. Isto é, tanto pais quanto filhos citaram uma melhora na comunicação e no relacionamento entre eles (27,5% na ótica dos filhos e 30% na visão dos pais) e salientaram um aumento de conflitos frente ao uso do aparelho (20% na percepção dos filhos e 6,67% na avaliação dos pais). Os filhos declararam sentir maior liberdade e confiança com relação à família (15%) e os pais revelaram sentir mais independência com relação aos filhos (6,67%). Quanto à sensação de segurança e tranquilidade, 50% dos pais destacaram ser esse o maior fator de mudança ocorrido a partir da introdução do celular nas famílias (Luiz, 2008).

A busca dos pais por segurança e tranquilidade com relação aos filhos é uma constante nessa fase do ciclo vital, e o telefone celular tem sido apontado como uma tecnologia capaz de promover esse aspecto. Uma pesquisa realizada com 20 mães de

adolescentes com filhos em idades entre 18 e 25 anos, de nível sócio-econômico-médio da cidade do Rio de Janeiro, investigou como elas utilizavam o celular com seus filhos. Revelou-se uma vinculação direta do uso aos itens controle e segurança. No entanto, diferentes foram as definições desses conceitos dados pelas entrevistadas. As mães argumentaram usá-lo para monitorar a segurança dos filhos e controlar suas atividades por considerarem ser esse seu papel. Porém, a tentativa de garantir segurança aos filhos tornou-se ineficaz, frente ao contexto de violência, característicos de grandes centros urbanos. Frente a essa realidade, o celular acabou exercendo a função principal de auxiliar no combate a angústia das próprias mães (Nicolaci-da-Costa, 2007).

Pode-se pensar então, que o telefone celular é uma tecnologia de auxílio na mediação do fenômeno que tange a segurança dos filhos. Observa-se também que o celular exerce um papel facilitador na comunicação entre pais e filhos jovens, no entanto, ele não modifica as famílias, pode apenas interferir positiva ou negativamente nas relações entre seus membros. O que acontece com a interferência dessa tecnologia é uma sofisticação dos elementos de entrada no sistema familiar, pois no que concerne as suas tarefas evolutivas, a família continua a mesma. Nessa perspectiva, deve-se encarar o telefone celular na família como um aparato que vem a favorecer a tarefa básica de cuidar dos filhos e de promover o seu desenvolvimento evolutivo ao longo do ciclo vital.

Considerações finais

A partir das pesquisas sobre o tema na população brasileira e a nível internacional, pode-se constatar que o telefone celular é uma tecnologia digital em franca expansão e sua evolução no Brasil está atrelada a aspectos econômicos e sociais do país. Os fatores

econômicos ainda interferem não apenas na forma como o celular é utilizado, mas também no desenvolvimento de pesquisas a respeito desse fenômeno no país. O custo da tecnologia e os diferentes níveis de poder aquisitivo da população brasileira são dois fatores importantes que devem ser levados em conta no entendimento do panorama da tecnologia móvel no Brasil.

No entanto, já é possível traçar um perfil quanto ao tipo predominante de usuário do aparelho e as suas principais finalidades de uso no país. Os jovens brasileiros são a parte da população que mais possui telefone celular e a adesão a essa tecnologia está associada ao favorecimento da segurança, principalmente quando analisada dentro da esfera da família. Nesse caso, o aparelho móvel é um grande aliado da juventude brasileira e de suas famílias.

No que se refere a outros aspectos psicossociais, o celular tem tido lugar no processo de construção da identidade do jovem na medida que se instala como um objeto de desejo e adquire um valor subjetivo legitimado pela cultura do consumo. Seu uso na juventude está associado, além da busca por segurança, também ao exercício da autonomia, à vivência da privacidade e a alternativas de entretenimento. Nesse sentido ele incrementa a sensação de pertencimento ao grupo e oferece ao jovem um diferente *status* frente à sociedade, em função da sua representação social.

Na chamada era da mobilidade, onde se insere a Sociedade da Informação, valoriza-se a comunicação virtual e a convergência tecnológica onde apenas um aparelho pode dar conta de diferentes funções. O telefone celular agrega todas essas características a um custo e tamanho mais acessível à população, se comparado com o computador, por exemplo. Na verdade o celular acompanha uma tendência da evolução dos meios de comunicação em geral, e deixa de ter sua finalidade inicial de telecomunicação ampliando-se para um equipamento de entretenimento multifuncional. Talvez isso explique porque ele acabou se

tornando um utilitário indispensável para população brasileira, que através de sua utilização consegue realizar desde tarefas do cotidiano até atingir um diferente *status social* perante um grupo. As conseqüências da inovação tecnológica trazidas pelo celular imprimiram mudanças significativas no estilo de vida e de comportamento das pessoas. No caso dos jovens, deve-se reconhecer que a sua facilidade em lidar com a tecnologia pode ser utilizada como uma maneira dele conquistar seu espaço na família e um recurso que o auxilie no seu processo de socialização e de inserção na sociedade.

Nesse sentido, as famílias devem estar atentas aos novos padrões de interação social que passaram a existir entre os jovens, em tempos de Novas Tecnologias da Informação e Comunicação. Esse fenômeno gerou uma sofisticação das relações entre pais e filhos naquilo que se refere às tarefas desenvolvimentais da adolescência e ainda não surgiram respostas para dar conta dessas mudanças.

Dentro da perspectiva do privado, isto é, das relações familiares, o celular, que deveria ser compreendido como mais um instrumento de comunicação entre pais e filhos, acabou ocupando um espaço com dimensões que extrapolam sua função primária que seria a de estabelecer uma comunicação inter-pessoal. Pode-se pensar então que se por um lado, a expansão tecnológica para dentro da esfera doméstica pode ter influenciado positivamente a adesão da sociedade ao uso do aparelho celular, por outro, ampliou as fronteiras de comunicação até um ponto onde ainda não se sabe exatamente onde está o seu limite.

O telefone celular pertence a uma tecnologia que pressupõe instantaneidade e virtualidade, isto é, fala-se de qualquer lugar com qualquer pessoa a qualquer momento. Essa lógica alterou a noção de tempo e espaço nas relações inter-pessoais, e como não demonstra ser um fenômeno passageiro, a importância em aprender a lidar com essa nova dinâmica torna-se fundamental.

Talvez, aquilo que as famílias e os jovens da atualidade estejam revelando em tempos de NTIC, são as diversas possibilidades de integrar desenvolvimento tecnológico com desenvolvimento humano. Isto é, ao ser utilizado como um recurso complementar na passagem do ciclo vital das famílias e dos jovens está se utilizando a tecnologia do telefone móvel em favor da evolução da sociedade.

Logo, a relação entre telefone celular e famílias com filhos jovens é multifacetada. Diferentes são as finalidades dadas por pais e filhos ao aderirem a essa tecnologia. Diferente também é o impacto do uso do telefone celular em cada família. No entanto, já é possível perceber que o telefone celular interliga necessidades de pais e filhos e se conecta com as diversas realidades das pessoas que vivem nesse país.

Em termos macrossociais, novos estudos sobre o uso do celular se fazem necessários a fim de se compreender como esse fenômeno está reverberando na população brasileira, principalmente no que concerne a sua relação com os jovens, com a família e com a sociedade como um todo. A partir desses estudos, será possível investir em programas de intervenção psicossocial que promovam a conscientização dos efeitos do progresso tecnológico na sociedade, na família e nas novas formas de comunicação entre as pessoas.

O principal desafio, no entanto, está no fato deste ser um fenômeno que se processa na sociedade em ritmo acelerado e está em constante evolução. Sendo assim, num futuro muito próximo, talvez a Sociedade da Informação a que nos referimos hoje já esteja tão integrada ao *modus vivendi*, que imaginar as relações sem tal tecnologia será como imaginar a humanidade antes da invenção da roda. Quando esse tempo chegar, o telefone celular certamente será lembrando como um aparelho que agregou mobilidade à comunicação, transpôs barreiras de tempo e espaço e agregou novas formas de ser e estar.

Referências

Abramo, H (2005). Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: Abramo, H. Branco, P.P.M. *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo (pp. 37-73).

Anatel, (2008). Indicadores. *Agência Nacional de Telecomunicação*. Acesso em 23 de Maio de 2008, disponível em <http://www.anatel.gov.br/indicadores>.

Carter, B.& Mc Goldrick, C. (2001). *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Casas, F.; Figuer, C.; González, M. & Malo, S. (2007). Los medios audiovisuales entre los progenitores y los hijos e hijas. *Cultura y Educación*, 19, (3), 311-330.

Casas, F.; Rizzini, I.; September, R.; Mjaavatn, P.E.& Nayar, U. (2007). Adolescents and Audio-visual Media in Five Countries. *Documenta Universtaria*. Girona: UDG Publicacions.

Casas, F.; Gonzalez, M. & Figuer, C. (2003). Parents, Children and Media: Some Data from Spain, Brazil, Norway, South Africa and India. In: *Promote or Protect? Perspectives on Media Regulations*. Cecilia von Feilitzen and Ulla Carlsson (eds). Göteborg: The International Clearinghouse on Children, Youth and Media – NORDICOM - Göteborg University.

Castells, M. (2007). *A Sociedade em rede: a era da Informação, Economia, Sociedade e Cultura*. Volume I. São Paulo: Paz e Terra.

Dossiê Universo Jovem (2005). *Projeto MTV Brasil*. Acesso em Março de 2008, disponível em http://portal.ibta.com.br/cursos/ibtanews/ibtanews_5.

Katz, J.& Sugiyama, S. (2006). Mobile phones as fashion statements: evidence from student surveys in the US and Japan. *New Media & Society*. 8 (2), 321-337.

Lobet Maris, C. I & Henin, J. (2002). Hablar sin comunicar o comunicar sin hablar : del GSM al SMS. Juventud y teléfonos móviles, *Revista de estudios de juventud*, 57, 101-114.

Ling, R. (2000). 'We will be reached': the use of mobile telephony among Norwegian youth. *Information Technology and People*, 13 (2), 102-120.

Ling, R. & Haddon, L. (2001). Mobile telephony, mobility and the coordination of everyday life. Acesso em 25 de Abril de 2007, disponível em: [http://www.telenor.no/fou/program/nomadiske/articles/rich/\(2001\)Mobile.pdf](http://www.telenor.no/fou/program/nomadiske/articles/rich/(2001)Mobile.pdf)

Luiz, G. V. (2008). Consumo de telefone celular: significados e influências na vida cotidiana dos adolescentes. *Dissertação* (Mestrado em Economia Doméstica) – Programa de Pós-Graduação em Economia Familiar, Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais.

Malo, S. & Casas, F. (2008). Cultures mediàtiques adolescents: Un estudi psicosocial centrat en el telèfon mòbil. *Tese de doutorado (não publicada)*. Programa de doctorat "Psicología i Qualitat de Vida", Institut de Recerca sobre Qualitat de Vida i Departament de Psicologia, Universidade de Girona.

Mantovani, C.M.C.A. (2006). Info-entretenimento na telefonia celular: informação, mobilidade e interação social em um novo espaço de fluxos. *Dissertação* (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais.

Muncer, S. & Madell, D. (2005). Are Internet and Mobile Phone Communication Complementary Activities amongst Young People? A study from a "rational actor" perspective. *Information, Communication & Society*, 8 (1), 64-80, March.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2004). Impactos Psicológicos do Uso de Celulares: Uma pesquisa Exploratória com Jovens Brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20 (2) 165-174.

Nicolaci-da-Costa, A. M. (2007). Celulares: um "presente do céu" para as mães de jovens. *Psicologia e Sociedade*, 19, 108-116.

Nicolaci-da-Costa, A. M. (2006). Celulares: a emergência de um novo tipo de controle materno. *Psicologia e Sociedade*, 18, 88-96.

o3 Digital (2007). Geração "90" investiga relação entre jovens e mídias. Acesso em 15 de Setembro de 2007, disponível em: <http://www.o3.com.br/noticias>.

Playground Digital (2007). A relação das crianças com a tecnologia. Acesso em 7 Julho de 2008, disponível em <http://www.maxpessnet.com.br/e/estrategia>.

IBASE (2005). Juventude Brasileira e democracia participação, esferas e políticas públicas. *Relatório final*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas. Acesso em 10 de Julho de 2008, disponível em: http://www.ibase.br/pubibase/media/ibase_relatorio_juventude.pdf.

IBGE (2007). Pesquisa nacional por amostra de domicílios 2005 – Síntese de Indicadores Sociais. Acesso em 30 de Julho de 2008, disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/default_censo_2000.shtm

IBGE (2007). Pesquisa nacional por amostra de domicílios 2005 - Acesso a internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal. Rio de Janeiro: *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Acesso em 15 de Junho de 2008, disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acesoainternet/internet.pdf>

Informe Sudamericano (2008). Juventud e integración sudamericana: caracterización de situaciones tipo y organizaciones juveniles. *Demandas para construir una agenda común*. Acesso em 20 de setembro de 2008, disponível em: http://www.ibase.br/userimages/RelatorioJuventude08_Sul_americano.pdf

IPEA (2008). Política Social e Desenvolvimento – A Juventude em Foco. *Políticas Sociais – acompanhamentos e análise*. Acesso em 13 de Agosto de 2008, disponível em: http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/bpsociais/bps_15/02_politicassocialedesenvolvimento.pdf.

Ríos Gonzáles, J. A. (2003). *Vocabulario Básico de Orientación y Terapia Familiar*. Madrid: Editora CCS.

Rizzini, I.; Pereira, L.; Zamora, M.H.; Coelho, A.F.; Winograd B.& Carvalho, M. (2005). Adolescentes brasileiros, mídia e novas tecnologias. *ALCEU*, 6 (11), 41-63 jul./dez.

Sarriera, J. C. ; D.; Coelho, R.P.S.& Bücker, J. (2007). Uso do tempo livre por adolescentes de classe popular. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20, 361-367.

Souza, L. S.; Jambeiro, O. & Borges, J. (2006). Cidades Digitais, Telefonia Móvel e Interação Social na Sociedade Brasileira Contemporânea. Acesso em 10 de Maio de 2007, disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n49/mesa2.html>.

Teleco (2008). Quadro: Em Debate. *Telecomunicações Brasil*. Acesso em 16 de maio de 2008, disponível em: <http://www.teleco.com.br/emdebate/quadros02.asp>.

Teleco (2008). Relatórios. *Telecomunicações Brasil*. Acesso em 16 de maio de 2008, disponível em: <http://www.teleco.com.br/relatorios.asp>.

Wagner, A.; Falcke, D.; Silveira, L. M. B. & Mosmann, C. P. (2002) A Comunicação em Famílias com Filhos Adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 7 (1), 75-80.

Williams, S. & Williams, L. (2005). 'Space Invaders: The negotiation of teenage boundaries through the mobile phone'. *Sociological Review*, 53 (2), 314–333.

Venturi, G. & Abramo, H. (2000). Juventude, política e cultura. *Teoria & Debate*, São Paulo, 45, 28-33.

ARTIGO 2

**O USO DO TELEFONE CELULAR DESDE A PERSPECTIVA DA
ADOLESCÊNCIA**

O uso do telefone celular desde a perspectiva da adolescência

Fabiana Verza*
Dra. Adriana Wagner**

Resumo

Esse artigo descreve o perfil dos adolescentes usuários do telefone celular quanto ao sexo, idade e o fato de possuir ou não um aparelho. Também apresenta associações com o suporte social percebido pelos jovens quanto à família e amigos. Investigou-se 534 adolescentes com idades entre 12 e 17 anos, de ambos os sexos, estudantes de escolas públicas e privadas da cidade de Porto Alegre. Utilizou-se o *Questionário sobre o uso do telefone celular*, traduzido e adaptado do catalão para o português do *Qüestionari per a nois i noies* (Malo & Casas, 2008). Os resultados indicaram que a posse do celular intermedia a relação com os pais, incrementa a sensação de pertencimento ao grupo e oferece ao jovem um melhor status social.

Palavras-chave: telefone celular, adolescente, suporte social

Abstract

This article describes the profile from the adolescent's users of mobile phone regarding sex, age and the occurrence of owning or not an apparatus. Also presents associations with the social support perceived by youngsters about their family and friends. It has been investigating 534 adolescents with ages among 12 and 17 years, male and female, students of publics and private schools from the city of Porto Alegre. It has used the *Questionnaire about the use of the cell phone*, translated and adapted from the catalan to the portuguese from the *Qüestionari per a nois i noies* (Malo & Casas, 2008). The outcomes indicate that the ownership of a mobile intermediate the relation with the parents, increases the sensation of belongingness in the group and it offers to the young a best social status.

Key-words: mobile phone, adolescent, social support

* Mestranda em Psicologia Social e da Personalidade - PUCRS, bolsista CNPq, Psicóloga.

** Orientadora, Doutora em Psicologia, Professora PUCRS, Pesquisadora CNPq.

Introdução

A parcela da sociedade mais representativa quanto à posse de telefone celular é a população adolescente que nasceu nos anos 90, junto com a expansão do aparelho pelo mundo. Logo, a abrangência do telefone celular na vida dos adolescentes é proporcionalmente maior do que na de adultos (Eliot & Jankel-Elliot, 2003) e, conseqüentemente, diferentes são os motivos e as necessidades desse grupo em utilizá-lo (Santiago-Lorente 2002; Charlton et. al, 2002; Yoon, 2006). Nesse sentido, o impacto da inovação tecnológica trazida pelo celular imprimiu mudanças significativas no estilo de vida e de comportamento dos jovens da atualidade (Muncer & Madell, 2007).

Cada cultura possui um conceito de adolescência, e as idades para a definição deste período costumam variar. A Organização Mundial de Saúde – OMS determina que este é um período de vida que começa aos 10 e vai até os 19 anos. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, define esta fase como característica dos 13 aos 18 anos de idade. Esta etapa também é dividida entre adolescência inicial (12 a 14 anos), adolescência propriamente dita (15 a 17 anos) e adolescência final (18 a 20 anos) (Blos, 1996). Percebe-se então que os critérios explicativos para demarcar o período da adolescência são diferentes em função da complexidade que tal fenômeno representa em termos de desenvolvimento humano.

A adolescência também é considerada como uma transição normativa no ciclo de vida (Bronfenbrenner, 1986) marcada por mudanças de ordem bio-psico-social, caracterizada por rupturas e aprendizados, ritos de passagens e busca por pertencimento a algum grupo fora do âmbito familiar. Sua principal tarefa é a construção da identidade através da transição da infância para a fase adulta (Erikson, 1998). Ela envolve uma

necessidade de integração social, busca de auto-afirmação e conquista de maior independência. Também é o período de descobertas dos próprios limites e questionamentos de valores e regras familiares.

Além disso, a forma como o adolescente se percebe e como lida com o contexto em que vive, são fatores fundamentais para a compreensão dessa fase da vida em termos desenvolvimentais e psicossociais. Isto porque a partir do mapeamento do território de convivência desse jovem é possível estabelecer como se configura sua rede de relações sociais, quais são suas prioridades e qual o papel do telefone celular nesse processo.

O celular, por exemplo, pode ser um recurso facilitador frente à necessidade de pertença a um grupo primário de apoio, por suprir duas necessidades: identidade e comunicação. O aparelho pode auxiliar na construção da identidade baseada nos valores grupais e proporcionar, através da comunicação, a troca de informação sobre valores, normas e comportamentos em um contexto macrossocial (Mante-Meijner & Pires 2002). Observa-se então, que para o público adolescente, o telefone celular significa muito mais do que um simples aparelho, pois interfere na construção de sua identidade social e pode instaurar uma necessidade de “ter” para “ser” (Lobet-Maris, 2001).

Baseando-se em estudos sobre o uso do celular, Mantovani (2006) propõe quatro tipos de uso do aparelho: utilização com fins de segurança, uso para coordenação das atividades diárias, como recurso de expressividade e de representação do self e uso direcionado ao consumo de informações. Considerando-se estes tipos de uso, desde a perspectiva do uso do celular na adolescência, pode-se compreender como o jovem se relaciona com essa tecnologia.

Quanto à busca por segurança, além do aparelho ser um recurso de proteção para situações de emergências, ele também pode significar uma atitude de confiança dos pais

sobre os filhos adolescentes, que por sua vez, percebem-se prontos para desfrutar da autonomia e da liberdade por eles tão desejada (Lobet-Maris, 2002). Em nome da segurança dos filhos, o celular pode também estar representando simbolicamente uma extensão da função parental, onde pais lançam mão do aparelho com a finalidade de controlar seus filhos e oferecer ajuda e proteção “à distância” (Ling e Haddon, 2001). No entanto, quando os pais abusam do controle sobre seus filhos através do uso do celular, os filhos podem utilizá-lo como uma ferramenta para se libertar do controle parental (Ling, 2000). Nesse sentido, a noção de segurança extrapola sua função primordial de garantir proteção, ampliando suas finalidades de uso associadas a esse objetivo.

Quanto a utilização voltada à coordenação das atividades diárias, as funções de despertar e de agenda podem ser um ótimo aliado para organizar o dia-a-dia dos adolescentes. Para Ling (2002), o celular é um instrumento que ajuda os jovens a se organizarem em tarefas do cotidiano e no planejamento de atividades, mas, além disso, os auxilia a desenvolver maturidade e autonomia.

Em um estudo que originou a *Micro and Hypercoordination Theory* Ling & Itri (2001) explicam de que maneira o telefone celular se insere na vida de jovens e adultos, na atualidade. Enquanto adultos utilizam o aparelho como atividade instrumental para coordenarem suas atividades do dia a dia (*micro-coordination*), os adolescentes fazem uma utilização mais expressiva do aparelho (*hyper-coordination*). Esse fenômeno, em termos sociais demonstra que o uso expressivo do telefone celular abrange diversas dimensões da vida social e emocional de um adolescente e pode estar associado à sua própria noção de identidade. Além disso, a forma de apresentação do telefone móvel também é altamente valorizada pelo jovem. Isto é, o tipo de telefone, a forma como ele é carregado no corpo e

os lugares em que é utilizado tem um significado maior para o público dessa faixa etária (Ling & Ittri, 2001).

Essa nova forma de uso está atrelada à representação social do telefone celular designada por esse grupo, isto é, para estes jovens, o celular pode ser utilizado como um recurso subjetivante da construção de sua identidade.

Quanto ao consumo de informações, também é o público adolescente a parcela da população mais ávida por novidades. Isto porque o desejo de ter um celular que acompanha as inovações do mercado pode refletir a maneira do jovem expressar o seu senso de *self* enxergando os outros através das lentes da moda (Katz e Sugiyama, 2006).

Em função da complexidade que envolve o fenômeno do uso do celular na adolescência, diversos estudos desenvolveram-se a fim de compreender e explicar a relação entre adolescente e celular (Fortunati & Manganelli, 2002, Nicolaci-da-Costa, 2005, Malo & Casas, 2008). Estudos se desenvolveram em torno dessa temática devido ao potencial de mercado que o público jovem representa na sociedade de consumo atual (Nysveen et. al, 2005), frente ao alto índice de aceitação e de uso (Elliott & Jankel-Elliott, 2003) e principalmente em função da reverberação desse fenômeno nas relações entre o adolescente, a família e a sociedade (Ling & Haddon, 2001; Oksman & Rautiainen, 2002; Sanz et al, 2005; Casas et al, 2007).

Estudos apontam, por exemplo, que o celular pode ter uma relação positiva na vida dos jovens e ser um recurso facilitador no processo de comunicação na adolescência (Madell & Muncer, 2005; Ling, 2000; Joinson, 2003; Livingstone & Bober, 2003). A possibilidade de enviar mensagem de texto via celular pode auxiliar adolescentes tímidos a interagirem com menos dificuldades, além de promover novas habilidades na forma do jovem se comunicar e lidar com a tecnologia (Madell & Muncer, 2005). Já, para muitos

adolescentes a possibilidade de falar e enviar mensagens de texto de qualquer lugar está associada ao fato de se comunicarem longe do controle dos pais (Livingstone & Bober, 2003).

Nesse sentido, observa-se que o principal motivo pelo qual os adolescentes utilizam maciçamente o celular está mais relacionado à privacidade do que ao fato dele ser portátil. Outro fator importante é a acessibilidade oferecida pelos recursos do telefone celular. As mensagens de texto, acesso à internet e a outros recursos midiáticos, são o maior atrativo para quem quer “procurar e ser procurado”. Os jovens percebem a acessibilidade como um importante aspecto de sua vida social. Ele representa status perante o meio em que pertencem e por isso é um recurso altamente cultivado (Ling, 2001).

Em um estudo transcultural com 9000 sujeitos, abrangendo nove países europeus (República Tcheca, Dinamarca, Noruega, Alemanha, Reino Unido, França, Itália, Holanda e Espanha) buscou-se investigar o perfil de uso dos consumidores de telefone celular e de outras novas tecnologias da informação e da comunicação. A partir das análises sócio-demográfica, de comportamento, de atitude e de estilo de vida, foi possível identificar que a idade era o fator mais importante para prever a adoção de um aparelho celular. Segundo os achados da EURESCOM project p903, em todos os países investigados, o maior número de portadores de telefone celular estavam compreendidos na faixa etária entre 15 e 24 anos e a partir dos 25 anos, o número de usuários diminuía, apresentando decréscimos significativos na faixa etária dos 35 anos (Smoreda & Thomas, 2001; EURESCOM project p903; 2001).

Nesse sentido, pode-se pensar que a necessidade de utilização do telefone celular acompanha o processo de inserção do adolescente na sociedade. Na etapa em que o grupo de iguais é o porto seguro dos jovens, isto é, durante a adolescência propriamente dita

compreendida entre os 14 e 16 anos, o celular é um instrumento indispensável. Conforme o jovem vai amadurecendo, a comunicação via celular já não se faz tão necessária, embora continue sendo importante durante toda a juventude.

Dentro dessa perspectiva, uma pesquisa buscou avaliar qualitativamente o impacto psicológico do uso do telefone celular, investigando 20 jovens de nível sócio-econômico médio, procedentes da cidade do Rio de Janeiro, com idades entre 18 e 25 anos. Os resultados desse estudo demonstraram que o uso do celular por jovens apontam novos indicadores de mudanças micro-sociais que evoluem para mudanças psicológicas. Dentre esses indicadores, predomina a necessidade dos jovens em ter o telefone sempre por perto em função do aparelho fornecer mais liberdade, autonomia, segurança e privacidade. Outro resultado encontrado é que o celular permite um acesso imediato à rede social de apoio do jovem, é um recurso que subsidia seu nomadismo e, na sua falta, gera uma nova forma de solidão, a solidão do sedentário que habita um mundo de nômades (Nicolaci-da-Costa, 2004).

Essa realidade talvez explique o porquê da constante demanda dos jovens por trocas de modelos de aparelhos. Tão grande é a valorização do telefone celular por adolescentes, que em muitos grupos ele é tratado como objeto de estimação, e em alguns casos, pode até ser considerado um apêndice do próprio corpo humano (Fortunati, 2002). Esse é um aspecto tão relevante que o fato de um adolescente não possuir um telefone celular, por exemplo, pode levá-lo a exclusão social e limitar suas possibilidades para desenvolver outras habilidades de comunicação (Charlton, 2002).

Em uma pesquisa com adolescentes japoneses e norte-americanos foram observadas situações de *bullying* e de discriminação entre possuidores e não possuidores de telefone celular (Katz & Sugiuyama, 2006). Isto é, grupos de iguais se juntam para perseguirem

quem é diferente e essa diferença fica demarcada pelo fato de possuir ou não um telefone celular.

Nesse sentido, a tecnologia oferecida pelo telefone móvel por um lado pode ampliar o espaço de socialização entre as pessoas e por outro diminuir o espaço de trocas e interações. Por isso ao reconhecer as necessidades e características do maior público consumidor desta tecnologia, os adolescentes será possível compreender quais as principais finalidades de uso do telefone celular atribuídas para este grupo e o que isso representa para a sociedade em tempos de Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação.

Método

Amostra

Participaram deste estudo 534 adolescentes com idades entre 12 e 17 anos, de ambos os sexos, alunos da sexta série do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio, procedentes de escolas públicas e privadas da cidade de Porto Alegre.

Instrumento

O instrumento denominado *Questionário sobre o uso do telefone celular* (anexo A), foi traduzido do catalão para o português e adaptado para a realidade brasileira a partir do *Qüestionari per a nois i noies* (anexo B), instrumento construído e validado pela equipe do *Institut de Recerca Sobre Qualitat de Vida - I.R.Q.V* da Universidade de Girona - UdG, Espanha, (Malo & Casas, 2008). Feito isso, foi realizado um estudo piloto com 20

adolescentes, a fim verificar a consistência interna do instrumento aferindo seu o padrão de fidedignidade através do cálculo de Alpha de Cronbach, cujo resultado obtido foi 0,737.

O instrumento está dividido em 3 partes compondo 47 variáveis avaliadas por respostas de escolha múltiplas, simples e likert de cinco pontos. A primeira parte contém 10 variáveis e realiza um levantamento descritivo investigando dados sócio-bio-demográficos da amostra como idade, sexo, escolaridade do participante e Nível Sócio-Econômico – NSE dos pais (Hollingshead, 1975), além de informações relativas à configuração da família do adolescente. A segunda parte consiste em um levantamento exploratório com 32 perguntas fechadas onde se investigam diferentes atividades, opiniões e avaliações dos adolescentes sobre o uso do telefone celular. Na terceira parte, a fim de avaliar o suporte social percebido pelo adolescente por parte da família e amigos, foram utilizadas duas sub-escalas derivadas da escala *Social Support Appraisals* (SSA), de Vaux et al. (1986), traduzida como Escala de Avaliação do Suporte Social. As sub-escalas apresentam 8 itens relacionados à família e 7 itens direcionados aos amigos, somando um total de 15 frases distribuídas aleatoriamente e com opções de respostas elaboradas em uma escala likert de 5 pontos: 1- muito em desacordo, 2- em desacordo, 3- indiferente, 4- de acordo, e 5- muito de acordo.

Procedimentos Éticos

Os sujeitos foram contatados por meio de escolas da rede de ensino público e privado da cidade de Porto Alegre. Somente colaboraram com a pesquisa os adolescentes previamente autorizados por seus pais, através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Apresentação e Discussão dos Resultados

Com o objetivo de mapear as características dos adolescentes com relação ao uso do celular foi realizada uma análise descritiva da amostra a fim de observar o comportamento das variáveis em estudo (média, desvio-padrão, frequências e percentuais). A fim de calcular a idade média dos participantes e comparar a relação entre as variáveis sexo e idade, foi utilizado teste T de Student. Posteriormente, utilizou-se o teste do Chi-quadrado a fim de verificar as possíveis diferenças entre as variáveis: possuir celular, sexo e idade dos sujeitos. Por fim, para analisar as diferentes utilidades do celular na visão dos adolescentes, compreender o que os jovens pensam sobre seu uso, com quem costumam compartilhar conhecimentos a respeito do aparelho e verificar associações entre o suporte social percebido pelo adolescente por parte da família e amigos através da Escala de Avaliação do Suporte Social (Vaux et. al, 1986) foi realizado o teste de Mann-Whithney, buscando associações entre as variáveis sexo e o fato de ter ou não um telefone celular, e o teste de Kruskall-Wallis, a fim de comparar as diferentes faixas etárias da amostra.

Caracterização da Amostra

A amostra compôs-se de 235 participantes do sexo masculino (45,3%) e 276 do sexo feminino (54,7%). Mais da metade da amostra (58,9%) é procedente de escolas públicas e 41% oriundos de escolas privadas. Com relação à idade, a análise dos dados revelou uma média de 14,37 anos ($dp=0,108$) para os participantes do sexo masculino e 14,35 ($dp=0,108$) para os participantes do sexo feminino.

Com relação às idades, observa-se que 58,8% da amostra têm entre 12 e 14 anos e 41,1% entre 15 e 17 anos. Quanto à escolaridade dos participantes, 53,1% da amostra cursa o Ensino Fundamental e 45,6%, o Ensino Médio.

A configuração familiar dos sujeitos

Ao perguntar “*quem mora contigo na tua casa?*” foi possível mapear diferentes configurações familiares entre os participantes investigados. A grande maioria dos participantes coabita em famílias nucleares tendo outros irmãos (n=190; 36%) ou sendo o único filho na casa (n=92; 17,4%). Um segundo grupo co-habita em famílias monoparentais (n=155; 29,4%), e outro grupo em famílias estendidas (n=45; 8,5%). E a menor porcentagem dos jovens coabitam em famílias reconstituídas (n=40; 7,7%).

A ocupação das mães e dos pais dos participantes foi avaliada segundo a classificação de Hollingshead (1975), adaptada por Tudge, através da Escala de Nível Sócio Econômico – NSE, onde classifica-se o Nível Ocupacional - NO e Nível de Escolaridade – NE dos pais dos participantes do estudo. O Nível Ocupacional está classificado em ocupações que demandam nível de escolaridade fundamental, (ex: do lar, desempregado, agricultor, faxineira), nível de escolaridade médio (ex: operadores de máquinas, balconistas, auxiliares de escritórios) e nível de escolaridade superior (ex: gerentes, administradores, profissionais liberais).

No que se refere ao NO das mães, observa-se que existe uma parcela significativa das mães (42,7%) exerce atividades profissionais que exigem curso superior enquanto outra parte, também expressiva (27,2 %), exerce atividades que exigem apenas nível educacional de ensino fundamental. O índice de desempregadas e do lar corresponde à 17,1% da amostra.

Já, quanto ao NO dos pais, percebe-se que a maioria (44,7%) exerce trabalhos que exigem nível educacional superior, sendo que 33,1% realiza atividade laboral de nível médio. Encontrou-se um baixo índice de pais desempregados e do lar (2,1%).

Quanto ao NE – Nível de Escolaridade, o levantamento descritivo revelou que, no que se refere à Pós-Graduação Completa, as mães (24,1%) possuem um nível de escolaridade mais elevado do que os pais (21,2%) dos adolescentes. Já, quanto ao Ensino Superior Completo, os pais (28,4%) apresentam uma leve vantagem sobre as mães (27,6%) e o mesmo ocorre com o Ensino Médio Completo, onde 24,9% dos pais o concluíram frente a 23,3% das mães.

Frente a estes resultados, observa-se que a maioria dos jovens co-habita em famílias nucleares (53,4%), ainda que existe uma porcentagem importante que convivem em outros arranjos (16,2%), principalmente, em famílias monoparentais (29,4%).

Quanto ao nível ocupacional observa-se que as mães dos participantes apresentaram maiores índices de ocupação referentes à condição: do lar e desempregada (17,1%) em comparação aos pais (2,1%), o que indica que os homens apresentam maiores inserções no mercado de trabalho. No entanto, as mães que investem em formação profissional especializada apresentam um maior nível educacional no que se refere à pós-graduação (24,1%), comparativamente aos pais dos participantes (21,2%).

Porém, frente ao alto índice de mães desempregadas ou do lar (17,1%), pode-se pensar que o investimento em educação nem sempre reflete em aumento da inserção no mercado de trabalho. Talvez para estas mães, o cuidado dos filhos e das tarefas domésticas ainda esteja interferindo na sua condição ocupacional e na divisão de papéis e tarefas na família (Wagner; Predebon; Mosmann & Verza, 2005).

O telefone celular

Dos 534 participantes de pesquisa, 510 responderam que tem um telefone celular, o que representa 95,5% da amostra. Apenas 15,3% da amostra possui o aparelho há menos de seis meses ou 1 ano. A grande maioria dos participantes respondeu possuir telefone celular há mais de 4 anos (31,2%), há mais de 3 anos (27,9%), e há mais de 2 anos (25,6%), o que indica que esse é um instrumento familiar ao grupo há bastante tempo. O Teste T de Student revelou que a idade média dos participantes que possuem o aparelho é 14,39 ($dp=1,772$), sendo 13,64 a idade dos que não possuem ($dp=1,399$). Nesse caso, constatou-se uma diferença significativa entre adolescentes mais velhos e mais jovens ($p=0,005$). Entretanto, não encontrou-se diferenças significativas quando comparadas as variáveis idade e sexo conjuntamente.

A familiaridade com o aparelho celular também se expressa na informação de que mais de 90% da amostra respondeu já ter tido outro aparelho celular antes desse atual, distribuído no seguinte intervalo: *mais de dois* (34%), *mais de três* (16,6%) e *mais de quatro* (23,6%) aparelhos. Ao serem questionados sobre a idade com que tiveram o primeiro telefone celular, grande parte da amostra (73,2%) respondeu que foi *entre 9 e 12 anos*.

Ao perguntar quem deu o telefone celular 38,3% dos participantes responderam *meus pais*, 22,2% *minha mãe* e 18,1% *meu pai*. Esses resultados indicam que os principais financiadores de telefone celular são os pais, mesmo que de maneira separada. Já, essa realidade se modifica quando investigado quem paga a conta do celular. A maioria dos adolescentes (31,1%) respondeu *eu mesmo*, 24,1% respondeu *meus pais*, 24,1% *meu pai* e apenas 2,9% respondeu *minha mãe*. Com relação a quanto o adolescente gasta por mês com o

telefone celular, mais da metade da amostra revelou gastar entre R\$ 15,00 e 30,00 (35,3%) e menos de R\$15,00 (24,2%).

Com relação ao tipo de aparelho que possuem, 71,1% da amostra possui celular de conta pré-pago e 28,5% de conta pós-pago. Sobre a frequência com que trocam de modelo de telefone quase metade da amostra (46,1%) respondeu trocar em um período de mais de um ano, e mais de dois anos (32,5%). Diferentes são os motivos pelos quais os adolescentes trocaram de aparelho, mas grande parte da amostra (42,3%) respondeu ter trocado porque queria um modelo mais novo e 19,7% dos participantes realizou a troca porque o aparelho estragou. Apenas 6,75 % dos participantes alegaram nunca ter trocado de aparelho.

Quando perguntados sobre que tipo de consumidor de telefone celular se consideram, quase metade da amostra (40,6%) respondeu usar moderadamente o aparelho, 19% dos participantes responderam que usam muito, 17,9% que usam pouco e 12,3% alegaram que usam bastante o telefone celular.

A partir destes resultados observa-se que grande parte da amostra investigada possui um telefone celular desde a infância, costuma trocar de aparelho com frequência e consideram-se consumidores moderados da telefonia celular. Os pais aparecem como os principais fornecedores dessa tecnologia aos seus filhos (Ling e Haddon, 2001) e tendem a ser os principais financiadores de seus recursos. O fato de 31,1% dos adolescentes referirem que pagam suas contas indica uma tentativa da família de favorecer o manejo das finanças, pois o recurso de financiamento provavelmente é oriundo de mesada que o jovem recebe dos pais.

No entanto chama a atenção o fato destes participantes, grandes consumidores de telefone celular, considerarem que utilizam moderadamente o aparelho. Talvez o controle sobre os gastos através do plano pré-pago seja o principal motivo limitador da quantidade de uso do telefone celular. Frente a esses achados pode-se considerar que, para estes jovens, além

de ser importante possuir um telefone celular, também é fundamental que o aparelho seja moderno e econômico.

Uma vez mapeada as características dos participantes quanto à posse do telefone celular, torna-se necessário compreender quais são as principais finalidades de uso do aparelho atribuídas pelos jovens.

A tabela abaixo apresenta os resultados descritivos para cada variável do instrumento referente à seguinte proposição: *Assinale abaixo as finalidades com que tu costumava utilizar o telefone celular*

Tabela 1: Finalidade de uso do telefone celular. Frequências e porcentagens.

	Nunca		Raramente		Às vezes		Frequentemente		Sempre	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Falar com os amigos	27	5,6	67	13,8	170	35,1	140	27,3	81	16,7
Falar com os pais	9	1,9	31	6,4	83	16,2	161	33,1	202	41,6
Enviar mensagens	51	10,6	103	21,4	111	23,0	98	20,3	119	24,7
Tirar fotos	100	20,7	69	14,3	107	22,2	84	17,4	123	25,5
Gravar vídeos	190	39,7	120	25,1	82	17,1	41	8,6	46	9,6
Retornar chamadas	51	10,6	107	22,2	155	32,2	101	21	67	13,9
Divertir-me quando estou sozinho	108	22,3	116	23,9	100	20,6	74	15,3	87	17,9
Mostrar aos amigos	197	40,8	146	30,2	89	18,4	24	5,0	27	5,6
Jogar	113	23,1	146	30,1	97	20,0	57	11,8	72	14,8
Para despertar	65	13,4	39	8,0	44	9,1	58	12,0	279	57,5
Para emergências	42	8,6	83	17,0	95	19,5	63	12,9	204	41,9

Observam-se nos dados da tabela, que se perfilam quatro grupos quanto à utilização do aparelho celular, conforme já descritas por Mantovani (2005). Quanto à utilização voltada à segurança, representado no instrumento através do item: *para emergências*,

percebe-se que grande parte da amostra (74,3%) utiliza o aparelho para este fim (19,5% - às vezes; 12,9% - freqüentemente; 41,9% - sempre). No que se refere ao uso para coordenação das atividades diárias, presente no instrumento através do item: *para despertar* novamente percebe-se uma alta adesão ao aparelho (78,6%) para este fim (9,1% - às vezes; 12,0% - freqüentemente; 57,5% - sempre). Frente a esses resultados, pode-se perceber que as finalidades de uso do celular voltadas às atividades instrumentais já fazem parte do cotidiano destes jovens.

Já, quando o uso é analisado desde perspectiva da expressividade e da representação do self, observa-se uma variação na freqüência de uso entre os itens: *falar com amigos* (35,1% - às vezes; 27,3% - freqüentemente; 16,7% - sempre) e *falar com os pais* (16,2% - às vezes; 33,1% - freqüentemente; 41,6% - sempre). Embora o uso do celular seja bastante utilizado em ambas as situações, os resultados indicam que esses jovens estão utilizando o telefone celular para falar com os pais com mais freqüência do que para falar com os amigos. Quanto ao item: *enviar mensagens* (21,4% - raramente; 23,0% às vezes; 20,3% - freqüentemente; 24,7% - sempre), os jovens dividem suas opiniões, pois o uso com essa finalidade é bem distribuído entre as opções da escala. No que se refere ao item *retornar chamadas* (22,2% - raramente; 32,2% às vezes; 21% freqüentemente), percebe-se que uma parte da amostra raramente utiliza para esse fim enquanto outra parte utiliza bastante. Quanto ao item: *divertir-me quando estou sozinho* (22,3% - nunca; 23,9 - raramente; 20,6% às vezes; 15,3% - freqüentemente; 17,9% - sempre), destacam-se um percentual maior de respostas entre os jovens que pouco utilizam o aparelho para essa finalidade. Quanto ao item: *mostrar aos amigos* (40,8% - nunca; 30,2% - raramente; 18,4% - às vezes), observa-se que para grande parte da amostra, o celular não tem esta finalidade.

Frente a tais resultados, percebe-se que para esses jovens, embora seja importante utilizar o celular para fins de diversão e para compartilhar o aparelho com os amigos, estas não são as principais motivações de consumo do aparelho. Destaca-se como finalidade de uso a comunicação com a rede de apoio social. Isto porque os jovens fazem um uso freqüente do celular para falar com os pais e com os amigos revelando que a tecnologia móvel pode estar a favor da expressividade (Charlton, 2002; Nicolaci-da-Costa, 2004).

Quando o uso está relacionado ao consumo de informações, pode-se pensar que as finalidades de uso do celular dependem das características de cada aparelho. Isto é, *tirar fotos* (20,7% - nunca; 22,2% às vezes; 25,5% - freqüentemente) e *gravar vídeos* (39,7% - nunca; 25,1% - raramente; 17,1% - às vezes) são finalidades de uso que somente podem ser executadas se o telefone celular oferecer esses serviços. Considerando que o custo e a manutenção do aparelho aumenta conforme são aprimoradas as suas funcionalidades, pode-se pensar que grande parte da amostra ainda não utiliza esses recursos porque não tem um celular compatível para esses fins.

O fato de prevalecer entre os participantes, um uso constante do telefone celular voltado a atividades instrumentais – para despertar e para emergências – indica que tais finalidades já estão integradas ao estilo de vida desses jovens. No entanto, isso não torna menos importante a sua utilização para outros fins como o de expressividade e representação do self e o de consumo de informações.

Com relação a estas, pode-se pensar que as finalidades de uso não se limitam a um único aspecto. Para alguns jovens, por exemplo, utilizar o celular com a finalidade principal de enviar mensagens pode estar indiretamente relacionado com o objetivo de mostrar o aparelho aos amigos, entre outros. Nesse sentido, as finalidades de uso se somam fazendo deste um aparelho cada vez mais imprescindível ao jovem.

Ter ou não ter celular: qual a diferença?

A fim de comparar os dados verificando as possíveis diferenças entre possuir ou não um celular, considerando às variáveis sexo e idade dos sujeitos, foi realizada uma análise do cálculo do Chi-quadrado. Quando perguntados sobre possuir ou não um telefone celular, observou-se que as participantes do sexo feminino (54,1%) possuem significativamente mais telefone celular ($\chi^2 = 13,650$; $p=0,000$) do que os do sexo masculino (41,5%). Também foi observado que mais da metade da amostra (55,5%) com idades entre 12 e 14 anos tem telefone celular e os índices diminuem significativamente ($\chi^2 = 11,428$; $p=0,044$) conforme aumenta a idade, sendo que apenas 10% dos participantes de 17 anos representam a porcentagem dos que possuem telefone celular. Neste caso, o maior valorização do celular encontra-se no grupo das meninas e dos participantes mais jovens.

A Utilidade do Celular

A fim de investigar as diferentes utilidades oferecidas pelo celular na visão de adolescentes, conhecer o que eles pensam sobre seu uso e com quem costumam compartilhar conhecimentos a respeito do aparelho, considerando a variável sexo, foi realizado o teste de Mann-Whitney. Quanto às utilidades oferecidas pelo celular, as análises demonstraram que é significativamente maior o número de adolescentes do sexo feminino que responderam utilizar o celular para falar com amigos ($p=0,000$), falar com pais ($p=0,000$), enviar mensagens ($p=0,000$) e tirar fotos ($p=0,000$). Percebe-se então, que o

uso do celular vinculado à expressividade e ao consumo de informações, segundo a categorização de Mantovani (2008), está relacionado às participantes do sexo feminino.

Quanto ao que pensam sobre o celular e o com quem compartilham conhecimentos acerca do aparelho, as análises demonstraram que todas as variáveis com diferença significativa apresentam-se em favor das participantes do sexo feminino. As participantes responderam ser mais difícil viver sem o celular ($p=0,000$), acham importante estarem bem informadas sobre o aparelho ($p=0,059$) e se interessam bastante pelo telefone ($p=0,000$), mas do que os meninos. Além disso, elas conversam mais com o pai ($p=0,000$), com a mãe ($p=0,012$) e com amigos da mesma idade ($p=0,004$) do que os adolescentes do sexo masculino. Esses resultados são coerentes entre si, pois se existe uma maior valorização das finalidades de uso voltadas à expressividade e consumo de informações por parte das participantes do sexo feminino, a dificuldade de viver sem o aparelho e a necessidade de acompanhar sua evolução tecnológica também são características dessa população.

Já, para investigar as diferentes utilidades oferecidas pelo celular na visão de adolescentes, compreender o que os jovens pensam sobre seu uso e com quem costumam compartilhar conhecimentos sobre o aparelho, considerando a variável idade, foi realizado o teste de Kruskal-Wallis. Os resultados revelaram que o uso do aparelho diminui conforme aumenta a idade. Quanto aos itens tirar fotos ($p=0,05$), gravar vídeos ($p=0,037$), divertir-me quando estou sozinho ($p=0,000$), mostrar aos amigos ($p=0,000$), jogar ($p=0,000$) e despertar ($p=0,000$), observou-se que existe um uso significativamente maior entre os adolescentes com idades que variam de 12 a 14 anos, que os demais investigados. A partir dos 15 anos essa tendência vai diminuindo e o grupo que menos utiliza o aparelho para essas finalidades são os jovens de 17 anos (Smoreda & Thomas). Percebe-se então, que os participantes mais jovens atribuem uma utilidade do aparelho voltada à coordenação

de atividades diárias (para despertar), consumo de informação (tirar fotos, gravar vídeos, jogar) e expressividade e representação do self (mostrar aos amigos, divertir-me quando estou sozinho). Nesse sentido, pode-se pensar que o telefone celular é um importante recurso de organização pessoal, de entretenimento e de subjetivação e favorece o adolescente a atender as tarefas típicas desta fase (Katz e Sugiyama, 2006).

Já, ao serem questionados sobre o quanto se interessam atualmente por telefone celular, observou-se que os participantes de 12 e 17 anos apresentam um interesse significativamente maior do que o restante da amostra ($p=0,05$). Percebe-se, então, que o interesse pelo celular concentra-se em dois grupos distintos. O primeiro, caracterizado pelos participantes de 12 anos, representa a fase da adolescência inicial e o segundo, com participantes de 17 anos, refere-se à etapa final da adolescência propriamente dita. Em função disso, é muito provável que os motivos de interesse pelo telefone celular não sejam os mesmos entre estes grupos, no entanto, a importância dada ao aparelho é igual para ambos.

O telefone celular e sua relação com a família e grupo de amigos

A fim de verificar associações entre o suporte social percebido pelo adolescente por parte da família e amigos através da Escala de Avaliação do Suporte Social (Vaux et. al, 1986) e sua relação com o fato de ter ou não um telefone celular, foi realizado o teste de Mann-Whitney. A partir das análises foram observadas diferenças significativas em quatro dos sete itens referentes à parte da escala que avalia a relação com o grupo de amigos e em um item referente à parte da escala que avalia a relação com a família. Em todos os itens as diferenças significativas estavam relacionadas ao fato de possuir um telefone celular. O

grupo que possui o aparelho refere com diferença significativa daqueles que não o possuem que seus amigos lhes respeitam ($p=0,016$); se preocupam com eles ($p=0,038$) e demonstram que percebem maior afeto entre eles o grupo de amigos (*eu e meus amigos gostamos muito uns dos outros*) ($p=0,039$). Quanto à família, observou-se diferença significativa a favor dos possuidores do aparelho na variável: *minha família gosta muito de mim* ($p=0,028$).

Frente a esses resultados percebe-se que a valorização pelo grupo de amigos e a necessidade de pertença a esse grupo (Silva & Mattos, 2004) é um aspecto importante na opinião dos participantes. Destaca-se também o fato de que possuir um telefone celular pode facilitar nesse processo. Com relação à família, pode-se pensar que os jovens que possuem um telefone celular talvez se sintam mais satisfeitos com o afeto que recebem da sua família.

A fim de investigar as associações entre a Escala de Avaliação do Suporte Social (Vaux et. al, 1986) e a variável sexo, utilizou-se o Teste de Mann-Whitney. As análises demonstraram que existem diferenças significativas em cinco dos sete itens relacionados ao grupo de amigos e em dois dos oito itens referentes à família. Quanto ao grupo de amigos, mais participantes do sexo feminino responderam com diferença significativa os seguintes itens: *posso confiar nos meus amigos* ($p=0,012$), *tenho uma forte ligação com meus amigos* ($p=0,000$), *meus amigos se preocupam comigo* ($p=0,001$), *meus amigos e eu somos muito importantes uns para os outros* ($p=0,000$), *eu e meus amigos gostamos muito uns dos outros* ($p=0,000$). Quanto à parte da escala relacionada à família, novamente mais participantes do sexo feminino responderam com diferença significativa os itens: *os membros da minha família confiam em mim* ($p=0,007$), *não me sinto unido/a aos membros da minha família* ($p=0,018$).

A partir desses resultados percebe-se que na opinião dos entrevistados, novamente predomina uma valorização significativa do grupo de amigos frente à família. Esses resultados corroboram com a literatura acerca da adolescência, onde a necessidade de pertença a um grupo e uma tentativa de afastamento da família tem um importante papel na construção da identidade do adolescente (Erikson, 1998).

Com relação a variável idade e a Escala de Avaliação do Suporte Social (Vaux et. al, 1986) foi realizado o teste de Kruskal Wallis. Quanto à parte da escala referente ao grupo de amigos, foram observadas diferenças significativas em apenas um item, onde mais participantes de 14 anos responderam: *meus amigos me respeitam* ($p=0,020$). Já, no que se refere à parte da escala relacionada à família, foram observadas diferenças significativas em seis dos oito itens. No item: *a minha família gosta muito de mim*, observou-se diferença significativa ($p=0,007$) na faixa etária dos 15 anos. Isto é, menos adolescentes de 15 anos responderam ter essa percepção. Também são eles que apresentam diferenças significativas ($p=0,049$) quanto ao item: *sou realmente admirado/a pela minha família*, pois novamente são os que menos concordam com tal postulado. O mesmo ocorre quanto ao item: *a minha família me dá muito carinho*, pois os participantes de 15 anos ($p=0,018$) não apresentam tal percepção. Já, quanto ao item: *os membros da minha família confiam em mim*, observou-se diferença significativa ($p=0,018$) na idade de 16 anos, isto é, menos adolescentes com essa idade percebem que a família confia neles. Quanto ao item: *não posso confiar na minha família porque eles não me dão suporte*, observou-se diferença significativa ($p=0,024$) na idade de 13 anos, onde menos adolescentes revelaram ter tal percepção, o que indica que eles confiam mais nos seus pais em comparação com os adolescentes das outras faixas etárias. No entanto, novamente a faixa etária de 15 anos foi a menos representativa significativamente ($0,000$) com relação ao item: *a minha família realmente me respeita*

(0,000). Isto é, os jovens nessa faixa etária são os que se sentem menos respeitados pela família.

Observa-se que as percepções quanto ao nível de admiração, confiança, suporte e respeito, advindas da família variam de acordo com a faixa etária dos participantes. No entanto, os pontos de vista menos favoráveis à família como rede de apoio provêm dos jovens que estão inseridos na fase da adolescência propriamente dita, onde o apoio grupal é uma de suas características. Assim, quando o suporte social é analisado desde as diferentes idades, a percepção dos participantes quanto ao papel da família como rede de apoio é menos homogênea do que sua opinião acerca do grupo de amigos.

Esses achados corroboram um aspecto desenvolvimental da adolescência: a tentativa de separação dos pais. Em função disso, a existência de sentimentos negativos referentes à família como rede de apoio talvez sejam necessários para promover o afastamento do jovem do núcleo familiar e favorecer seu processo de construção de identidade e inserção na sociedade. Nesse sentido, justifica-se o fato de os adolescentes sentirem-se mais respeitados e valorizados pelos seus amigos do que pela família.

Frente a tais resultados, observa-se que a associação entre a Escala de Suporte Social com as variáveis sexo, idade e o fato de ter ou não um celular revelam aspectos desenvolvimentais importantes da fase da adolescência na qual inserem-se os participantes desta pesquisa. O fato da valorização sobre o grupo predominar entre os adolescentes que tem celular, e entre as participantes do mesmo sexo indica a importância do aparelho como um elemento facilitador do sentimento de pertença grupal.

Na fase da adolescência é comum aos grupos organizarem-se em torno de pessoas do mesmo sexo, pois nesse período os jovens estão em busca de segurança e sensação de pertencimento. O telefone celular, nesse processo, pode ser considerado como um objeto

em comum que converge para a formação de um grupo de iguais. Nesse sentido, ter um telefone celular pode significar para o jovem sentir-se respeitado e valorizado pelos amigos, principalmente quando esses pertencem ao mesmo sexo.

Considerações Finais

A partir do que foi apresentado neste estudo, já é possível traçar um perfil de utilização do telefone celular desde a perspectiva dos adolescentes investigados. Inicialmente, percebe-se que o telefone celular já está presente no cotidiano destes jovens desde o período da infância, o que indica que o aparelho é um utilitário altamente consumido e valorizado por este grupo.

Outro aspecto fundamental é o fato de que possuir um celular, na fase da adolescência está associado a uma maior valorização da rede de apoio social composta pelo grupo de amigos. Nesse sentido, o telefone celular pode significar um passaporte de entrada para a consolidação de uma rede de apoio social fora do âmbito familiar.

O fato dos adolescentes utilizarem o celular para falar mais com os pais do que com os amigos sugere que o aparelho, dentro do núcleo familiar, ainda é utilizado como um item de segurança e de manutenção de vínculo na relação entre pais e filhos. No entanto, quando investigado o suporte social percebido pelos adolescentes com relação à família, chama a atenção os baixos níveis de satisfação dos adolescentes quanto ao suporte recebido, atenção, carinho, confiança e respeito oferecidos pelos pais.

Talvez o telefone celular esteja representando uma ponte de comunicação entre pais e filhos, mas cada parte o utiliza para diferentes finalidades. No caso dos adolescentes, a utilização do aparelho para fins de expressividade e representação do self e consumo de

informações, revela a função social do aparelho, enquanto falar com os pais, pode representar uma obrigação.

E, um indicativo dessa realidade é o desejo de um modelo de telefone celular mais novo ser o principal motivo de troca de aparelhos entre os participantes. Frente à pluralidade de funções de um telefone celular e a rapidez com que se desenvolvem as inovações tecnológicas na telefonia móvel, pode-se compreender porque grande parte dos adolescentes consome esta tecnologia em um ritmo acelerado.

Esta é uma característica das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação onde o celular está inserido. Nesse sentido, compartilhar destas inovações com o grupo de amigos torna-se muito mais interessante, pois entre amigos, é permitido “falar a mesma língua”. Frente a essa perspectiva, pode-se considerar que o aparelho móvel é o grande aliado dos adolescentes em função do que ele representa para esse grupo. Por isso estar bem informado sobre telefone celular já faz parte das prioridades de interesse dos jovens investigados. E isso justifica porque no seu ponto de vista, é tão difícil viver sem o aparelho.

Além de o telefone celular proporcionar segurança, favorecer maior autonomia e mais privacidade, ele intermedia a relação com os pais, incrementa a sensação de pertencimento ao grupo e oferece um melhor status social. Em função disso, a utilização do aparelho pelos adolescentes indica uma comunicação que vai além do seu sentido clássico de proporcionar a sociabilidade.

A interação “móvel” pode propiciar trocas simbólicas e experiências emocionais diversificadas. Isto é, o espaço de comunicação virtual pode ter uma conotação real e privada no momento em que fazer uma ligação de seu próprio aparelho promove nos jovens uma sensação de individualização frente ambiente que o cerca.

Neste sentido, a posse de um celular pode estar auxiliando os adolescentes a legitimar o seu espaço na família e no grupo de amigos. A partir desses achados, pode-se concluir então, que o telefone celular, nas mãos dos adolescentes, comunica um estilo de vida, um recurso de entretenimento, uma busca por pertencimento e uma forma do jovem se inserir no mundo.

Referências

- Blos, P. (1996). *Transição Adolescente*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bronfenbrenner (1986). Ecology of the Family as a Context for Human Development: Research Perspectives. *Developmental Psychology*, 22 (6), 723-42.
- Casas, F.; Rizzini, I.; September, R.; Mjaavatn, P.E. & Nayar, U. (2007). Adolescents and Audio-visual Media in Five Countries. *Documenta Universtaria*. Girona: UDG Publicacions.
- Casas, F.; Figuer, C.; González, M. & Malo, S. (2007) Los medios audiovisuales entre los progenitores y los hijos e hijas. *Cultura y Educación*, 19 (3), 311-330.
- Charlton, T.; Panting, C. & Hannan, A. (2002). Mobile telephone ownership and usage among 10-and 11 year-olds: participation and exclusion. *Emotional and Behavioral Difficulties*, 7 (3), 152-163.
- Eliot, R. & Jankel-Elliot, N. (2003). Using ethnography in strategic consumer research. *Qualitative Market Research*, 6 (4), 215-223.
- Erikson, E. H. (1998). *O ciclo de vida completo*. Porto Alegre: Artmed.
- EURESCOM project p903 (2001). Acesso em 23 de maio de 2007, disponível em: <http://www.eurescom.de>.
- Fortunati, L. (2002). Italy: stereotypes, true and false. Em J. E. Katz and M. A. Aakhus, (Eds.) *Perpetual Contact: Mobile Communication, Private Talk, Public Performance*. New York: Cambridge University Press, NY, 42-62.
- Fortunati, L. & Manganelli, A. M. (2002). El teléfono móvil de los jóvenes. *Revista de Estudios de Juventud*, 57, 59-78.
- Hollingshead, A.B. (1975). *Four factor index of social status*. Department of Sociology, Yale University, unpublished working paper.

Joinson, A. N. (2003). *Understanding the Psychology of Internet Behavior: Virtual Worlds, Real Lives*, Palgrave Macmillan, Basingtoke.

Katz, J. & Sugiyama, S. (2006). Mobile phones as fashion statements: evidence from student surveys in the US and Japan. *New Media & Society*, 8 (2), 321-337.

Lobet Maris, C. I & Henin, J. (2002). Hablar sin comunicar o comunicar sin hablar : del GSM al SMS. Juventud y teléfonos móviles, *Revista de estudios de juventud*, 57, 101-114.

Lorente, S. (2002). Juventud y teléfonos móviles: algo más que una moda, *Revista de estudios de juventud*, 57, 9-24.

Ling, R. (2000). 'We will be reached': the use of mobile telephony among Norwegian youth. *Information Technology and People*, 13 (2), 102-120.

Ling, R. (2002). Chicas adolescentes y jóvenes adultos varones: dos subculturas del teléfono móvil. *Revista de Estudios de Juventud*, 57, 33-46.

Ling, R. & Haddon, L. (2001). Mobile telephony, mobility and the coordination of everyday life. Acesso em 25 de Abril de 2007, disponível em: [http://www.telenor.no/fou/program/nomadiske/articles/rich/\(2001\)Mobile.pdf/](http://www.telenor.no/fou/program/nomadiske/articles/rich/(2001)Mobile.pdf/).

Ling, R & Yttri, B (2002). Hyper-coordination via mobile phones in Norway. Em: Katz, J.; Aakhus, M. A (Eds.) (2002). *Perpetual Contact: Mobile Communication, Private Talk, Public Performance*. New York: Cambridge University Press.

Livingstone, S & Bober, M. (2003). UK children go online, listening to young people's experiences. Acesso em 20 de Junho de 2007, disponível em: <http://personal.lse.ac.uk/bober/ukchildren/GoOnlineReport1.pdf>.

Malo, S. & Casas, F. (2008). Cultures mediàtiques adolescents: Un estudi psicosocial centrat en el telèfon mòbil. *Tese de doctorado (não publicada)*. Programa de doctorat "Psicologia i Qualitat de Vida", Institut de Recerca sobre Qualitat de Vida i Departament de Psicologia, Universidade de Girona.

Mante-Meijner, E. & Piris, D. (2002). El uso de la mensajería móvil por los jóvenes en Holanda. 47-58. *Revista de Estudios de Juventud*, 57, 47-58, Jun.

Mantovani, C.M.C.A.(2006) Info-entretenimento na telefonia celular: informação, mobilidade e interação social em um novo espaço de fluxos. *Dissertação* (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais.

Madell, D. & Muncer, S. J. (2005). Are Internet and Mobile phone communication complementary activities amongst young people? A study from a ‘rational actor’ perspective. *Information, Communication & Society*, 8 (1), 64-80.

Madell, D. & Muncer, S. J. (2007). Control over Social Interactions: An Important Reason for Young People’s Use of the Internet and Mobile Phones for Communication? *Cyberpsychology & Behavior*, 10 (1). 137-140.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2004). Impactos Psicológicos do Uso de Celulares: Uma pesquisa Exploratória com Jovens Brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20 (2) 165-174.

Nicolaci-da-Costa, A.M., (2005). Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo. *Psicologia & Sociedade*, 17, 2. Acesso em 24 de maio de 2007, disponível em: <http://www.scielo.br>.

Nysveen, H.; Pedersen, P. E & Thorbjornsen, H. (2005). Explaining intention to use mobile chat services: moderating effects of gender. *Journal of Consumer Marketing*. 22 (5), 247-256.

Oskman, V. & Rautiainen (2002). Extension of the Hand: Children’s and Teenager’s Relationship with the Mobile Phone in Finland. Em J. E. Katz and M. A. Aakhus, (Eds.) *Perpetual Contact: Mobile Communication, Private Talk, Public Performance*. New York: Cambridge University Press, NY, 103-111.

Sanz, B. A.; Figuero, C. R.; Pelayo, A. R.; Gómez Del Río, Z.; Herrero, M. H. & González, C. N. (2005). Consumo de los medios de comunicación en la adolescencia. *An Pediatr* (Barc), 63 (6), 516-525.

Yoon, K. (2006). The Making of neo-Confucian cyberkids: representations of young mobile phone users in South Korea. *New, Media and Society*, 8 (5), 753-771.

Wagner, A.; Predebon, J.; Mosmann, C. & Verza, F. (2005). Compartilhar Tarefas? Papéis e funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21 (2), 181-186.

Vaux, A.; Phillips, J.; Holli, L. Thompson, B.; Williams, D. I. & Stewart, D. (1986). The Social Support Appraisals (SS-A) Scale: Studies of Reliability and Validity. *American Journal of Community Psychology*, 14 (2), 195-219.

Considerações Finais

A partir dos resultados dessa pesquisa foi possível compreender a importância do uso do telefone celular na adolescência, principalmente no que se refere ao papel dessa tecnologia no processo de construção da identidade do jovem e no desenvolvimento de suas relações sociais. Também foi possível conhecer a participação do jovem no processo de disseminação do celular no país.

Os objetivos do projeto inicial, de explorar e descrever aspectos relacionados a utilização do telefone móvel, foram atingidos. A partir dos resultados obtidos nesse estudo, foi possível definir um perfil de usuários de telefone celular. Os achados desta investigação indicam que os adolescentes continuam se comunicando maciçamente com a família e com os amigos.

Nesse sentido, pode-se concluir que os jovens utilizam-se da tecnologia móvel e da condição “wireless” de comunicação para acionar parte da sua rede de apoio social, composta por família e amigos, mesmo que o suporte social percebido com relação estes grupos não sejam iguais. Logo, é possível perceber que as relações virtuais estabelecidas pelo telefone celular acompanham as relações “reais” estabelecidas com família e grupo de amigos. Estes achados indicam que as possibilidades de comunicação foram ampliadas a partir da inserção do telefone celular na sociedade, mas o aparelho continua tendo como finalidade principal de uso o acesso à rede de apoio social do jovem.

Frente a essa realidade, identificamos a necessidade de realizar investigações futuras voltadas ao estudo das finalidades de uso do aparelho relacionadas especificamente ao grupo de amigos e a família e não mais ao telefone celular propriamente dito. Talvez uma análise com este recorte possa indicar com mais precisão os motivos de acesso via telefone

celular a cada um destes grupos. No entanto, os resultados obtidos na presente investigação já demonstram que portabilidade do aparelho e mobilidade de comunicação oferecidas pelo celular ampliaram as possibilidades de interação social e os adolescentes revelaram-se significativamente adeptos a essas mudanças.

Outro aspecto importante a ser salientado quanto a este estudo, é a escassez de instrumental metodológico destinado a pesquisas acerca do uso do celular na adolescência. A realidade brasileira em termos de pesquisa científica nessa temática ainda está em processo de desenvolvimento, e dentro dessa perspectiva, esta investigação pretende contribuir propiciando um maior entendimento desse fenômeno.

Em contrapartida, o acesso ao público adolescente não apresentou maiores dificuldades. A positiva aceitação das escolas em colaborar com a pesquisa revelou que a necessidade de lidar com o uso do telefone celular na adolescência é uma demanda da atualidade. Outro indicativo desse fato foi à disponibilidade dos alunos em responder o questionário. A participação dos adolescentes durante o processo de coleta foi fundamental, pois ampliou a dimensão do estudo a aspectos não abordados no projeto inicial.

Frente a essa realidade, podemos concluir que o desafio atual em termos de pesquisas, é compreender como a sociedade está respondendo ao espaço que o telefone celular vem ocupando na vida do jovem. Em termos macrossociais, novos estudos sobre o uso do celular se fazem necessários a fim de se compreender como esse fenômeno está reverberando na população brasileira, principalmente no que concerne a sua relação com os jovens, com a família e com a sociedade como um todo. A partir desses estudos, será possível investir em programas de intervenção psicossocial que promovam a conscientização dos efeitos do progresso tecnológico na sociedade, na família e nas novas formas de comunicação entre as pessoas.

ANEXOS

ANEXO A**Carta de aceite do Comitê de Ética em Pesquisas – PUCRS**



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Ofício 1397/07-CEP

Porto Alegre, 21 de novembro de 2007.

Senhor(a) Pesquisador(a):

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa registro CEP 07/03982, intitulado: **"O uso do celular na adolescência e sua relação com a família e rede social de apoio"**.

Sua investigação está autorizada a partir da presente data.

Relatórios parciais e final da pesquisa devem ser entregues a este CEP.

Atenciosamente,

Prof. Dr. José Roberto Goldim
COORDENADOR DO CEP-PUCRS

Ilmo(a) Sr(a)
Dr(a) Adriana Wagner
N/Universidade

PUCRS

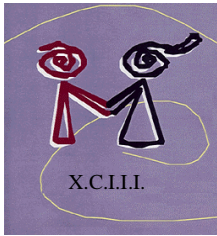
Campus Central
Av. Ipiranga, 6690 - 3º andar - CEP: 90610-000
Sala 314 - Fone Fax: (51) 3320-3345
E-mail: cep@pucrs.br
www.pucrs.br/prppg/cep

ANEXO B

Instrumento em catalão:

Qüestionari per a nois i noies.

ψ ANNEXE 1: Qüestionari per a nois i noies.




 Universitat de Girona
 Institut de Recerca sobre Qualitat de Vida

Un equip d'investigadors que treballem a la Universitat estem interessats en conèixer què penseu la gent jove sobre alguns dels equipaments electrònics que utilitzeu (televisió, videojocs, ordinadors, etc.,...), i les coses que feu amb ells. També us volem demanar informació sobre d'altres activitats que realitzeu i conèixer algunes opinions vostres, sobretot en relació a les coses que us agraden i us satisfan. Estarem molt agraïts si ens fas el favor de contestar aquest qüestionari. Et preguem que contestis amb tota sinceritat, sobretot les preguntes que hi ha al final, que són més personals. Les respostes les tractarem de forma ANÒNIMA, és a dir, ningú sabrà què has contestat. Et preguem que per a cada pregunta que tingui escrites possibles respostes facis una **rodoneta** al voltant d'aquella resposta que correspongui al teu cas o a la teva opinió personal. No hi ha respostes bones ni dolentes, ens interessa **només** saber la teva opinió.

Curs: _____

Nom escola o IES: _____

Codi numèric: _____

➤ La meua edat és de _____ anys.

➤ Sóc: Noi Noia

➤ Visc a la ciutat o poble de: _____

1. Ens agradaria que ens facilitessis la informació que et demanem a continuació sobre els equipaments audiovisuals que **tu tens** i els que **fas servir**:

	En tens de teu o teus?		N'hi ha d'altres a casa teva, que no són teus, però que els fas servir?		N'utilitzes d'altres sovint, però fora de casa teva?	
	sí	no	sí	no	sí	no
Televisor						
Ordinador						
Internet						
Videoconsola						

Videojocs per a ordinador	sí	no	sí	no	sí	no
Telèfon mòbil	sí	no	sí	no	sí	no

2. Per a què acostumes a fer servir el **mòbil**?

Si no fas servir mai el mòbil, posa una creu aquí i passa a la pregunta següent



	Mai	Ocasionalment	A vegades	Sovint	Molt sovint
Petar la xerrada amb amics	1	2	3	4	5
Parlar amb els pares	1	2	3	4	5
Enviar missatges breus	1	2	3	4	5
Connectar a Internet	1	2	3	4	5
Quedar amb els amics	1	2	3	4	5
Fer fotos	1	2	3	4	5
Jugar a jocs	1	2	3	4	5
Altres coses (dir quines)					
.....	1	2	3	4	5
.....	1	2	3	4	5
.....					

3. **Com de fàcil o difícil** et seria viure sense algun d'aquests mitjans audiovisuals?

	Seria molt difícil	Seria més aviat difícil	Indiferent	Seria més aviat fàcil	Seria molt fàcil
Televisió	1	2	3	4	5
Ordinador	1	2	3	4	5
Internet	1	2	3	4	5
Videojocs	1	2	3	4	5
Telèfon mòbil	1	2	3	4	5

4. Quan parles de les coses interessants que fas o mires amb qualsevol d'aquests instruments audiovisuals (televisió, ordinador, Internet, videojocs, mòbil), **amb quines persones** ho fas?

	Mai	Poc	A vegades	Sovint	Molt sovint
Amb el pare	1	2	3	4	5
Amb la mare	1	2	3	4	5

Amb els germans	1	2	3	4	5
Amb algun mestre/a o professor/a	1	2	3	4	5
Amb amics de la meva edat	1	2	3	4	5
Amb amics més grans	1	2	3	4	5

5. **Quantes hores** vas fer servir cadascun d'aquests instruments?

	Ahir (si ahir era diumenge, contesta pensant en l'últim divendres)	L'últim diumenge
Televisió		
Ordinador		
Internet		
Videojocs		
Telèfon mòbil		

6. Et preocupes d'estar **ben informat o informada** sobre allò que pots veure o fer amb:

	Gens	Poc	Moderadament	Bastant	Molt
La televisió	1	2	3	4	5
L'ordinador	1	2	3	4	5
Internet	1	2	3	4	5
La videoconsola	1	2	3	4	5
Videojocs per ordinador	1	2	3	4	5
El telèfon mòbil	1	2	3	4	5

7. Quin grau d'**interès** creus que tens en l'actualitat per:

	Gens	Poc	Moderadament	Bastant	Molt
La televisió	1	2	3	4	5
L'ordinador	1	2	3	4	5
Internet	1	2	3	4	5
La videoconsola	1	2	3	4	5
Videojocs per a ordinador	1	2	3	4	5
El telèfon mòbil	1	2	3	4	5

8. Indica el teu grau d'acord amb les deu afirmacions següents.

	Molt en desacord	En desacord	Indiferent	D'acord	Molt d'acord
Globalment, em sento satisfet/a amb mi mateix/a	1	2	3	4	5
Crec que de vegades no serveixo per a res	1	2	3	4	5
Intueixo que tinc un nombre determinat de bones qualitats	1	2	3	4	5
Sóc capaç de fer moltes coses tan bé com les fan els altres	1	2	3	4	5
Tinc la sensació que no tinc moltes coses per estar orgullós	1	2	3	4	5
A vegades em sento totalment inútil	1	2	3	4	5
Crec que sóc una persona dotada de cert valor, almenys igual que els altres	1	2	3	4	5
M'agradaria poder tenir més respecte per a mi mateix/a	1	2	3	4	5
En definitiva, m'inclino a sospitar que sóc un/a fracassat/da	1	2	3	4	5
Adopto una actitud positiva respecte de mi mateix/a	1	2	3	4	5

9. A continuació hi ha una llista d'afirmacions sobre les relacions amb la teva família i amics. Indica si us plau si estàs d'acord o en desacord sobre si cada una d'ells és certa.

	Molt en desacord	En desacord	Indiferent	D'acord	Molt d'acord
Els meus amics em respecten	1	2	3	4	5
La meva família es preocupa molt per mi	1	2	3	4	5
La meva família em té en alta estima	1	2	3	4	5
Puc confiar en els meus amics	1	2	3	4	5
Sóc realment admirat/da per la meva família	1	2	3	4	5
La meva família em té molt de carinyo	1	2	3	4	5
Els meus amics no es preocupen pel					

meu benestar	1	2	3	4	5
Els membres de la meva família confien en mi	1	2	3	4	5
No puc confiar en la meva família perquè em donin suport	1	2	3	4	5
Sento forts lligams amb els meus amics	1	2	3	4	5
Els meus amics es preocupen per mi	1	2	3	4	5
La meva família em respecta realment	1	2	3	4	5
Els meus amics i jo som molt importants els uns pels altres	1	2	3	4	5
No em sento unit/da als membres de la meva família	1	2	3	4	5
Els meus amics i jo hem fet molt els uns per als altres	1	2	3	4	5

Abans d'acabar, repassa si us plau si les teves respostes a la 1a pregunta del qüestionari són exactes

MOLTES GRÀCIES PER LA TEVA COL·LABORACIÓ!

ANEXO C

Instrumento traduzido e adaptado:

Questionário para uso de telefone celular

QUESTIONÁRIO PARA USO DE TELEFONE CELULAR

Uma equipe de pesquisadores que trabalha na PUCRS está interessada em conhecer o que vocês pensam e como utilizam o **telefone celular**. Agradecemos a colaboração em responder este questionário até o final. As respostas serão tratadas de forma SIGILOSA, isto é, ninguém ficará sabendo o que foi respondido. Não existem respostas certas ou erradas, apenas nos interessa saber a tua opinião.

Série:
Nome da escola:
Tua escola é: <input type="checkbox"/> 1.Federal <input type="checkbox"/> 2.Estadual <input type="checkbox"/> 3.Particular
Idade: _____ anos
Sexo: <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino
Qual a ocupação da tua mãe/responsável? _____
Marque quem mora contigo na tua casa: <input type="checkbox"/> 1.Mãe <input type="checkbox"/> 2.Madrasta <input type="checkbox"/> 3.Pai <input type="checkbox"/> 4.Padrasto <input type="checkbox"/> 5.Irmãos <input type="checkbox"/> 6.Outros parentes
Qual a ocupação do teu pai/responsável? _____
Qual o nível de escolaridade da tua mãe/responsável? Ensino Fundamental: <input type="checkbox"/> 1.Incompleto <input type="checkbox"/> 2.Completo Ensino Médio: <input type="checkbox"/> 3.Incompleto <input type="checkbox"/> 4.Completo Ensino Superior: <input type="checkbox"/> 5.Incompleto <input type="checkbox"/> 6.Completo Pós-Graduação <input type="checkbox"/> 7.Incompleto <input type="checkbox"/> 8.Completo
Qual o nível de escolaridade do teu pai/responsável? Ensino Fundamental: <input type="checkbox"/> 1.Incompleto <input type="checkbox"/> 2.Completo Ensino Médio: <input type="checkbox"/> 3.Incompleto <input type="checkbox"/> 4.Completo Ensino Superior: <input type="checkbox"/> 5.Incompleto <input type="checkbox"/> 6.Completo Pós-graduação: <input type="checkbox"/> 7.Incompleto <input type="checkbox"/> 8.Completo

Reponda as perguntas sobre o uso do **TELEFONE CELULAR**:

1. Tu tens telefone celular? () Sim () Não
2. Se respondeste NÃO , vá para a página 3 do questionário. Se SIM , há quanto tempo tens o telefone? () Menos de 6 meses ou 1 ano () De 1 a 3 anos () De 3 a 4 anos () Mais de 4 anos
3. Esse é o teu primeiro telefone celular? () Sim () Não
4. Se não, quantos anos tinhas quando tiveste teu primeiro telefone celular? () Menos de 8 () Entre 9 e 12 () Entre 13 e 16 () 17 ou mais
5. Que tipo de aparelho possuis atualmente? () De conta: pós-pago () De cartão: pré-pago

6. Quantos telefones celulares já tivestes antes desse atual?

() Nenhum () Um () Mais de dois () Mais de três () Mais de quatro

7. Com que frequência trocas de modelos de telefone?

() Menos de 6 meses () Mais de 6 meses () Mais de 1 ano () Mais de 2 anos

8. Por que motivo trocaste de aparelho?

() Perda () Queria um modelo mais novo () Porque estragou
() Roubo () Outro () Nunca troquei

9. Circule abaixo que tipo de consumidor de **telefone celular** tu te consideras:

Quase nunca uso	Uso pouco	Uso moderadamente	Uso muito	Uso bastante
1	2	3	4	5

10. Assinale na tabela abaixo as finalidades com que tu costumavas utilizar o **telefone celular**:

	Nunca	Raramente	Às vezes	Freqüentemente	Sempre
Falar com os amigos	1	2	3	4	5
Falar com os pais	1	2	3	4	5
Enviar mensagens	1	2	3	4	5
Tirar fotos	1	2	3	4	5
Gravar vídeos	1	2	3	4	5
Retornar chamadas	1	2	3	4	5
Divertir-me quando estou sozinho	1	2	3	4	5
Mostrar aos amigos	1	2	3	4	5
Jogar	1	2	3	4	5
Para despertar	1	2	3	4	5
Para emergências	1	2	3	4	5

11. Quem te deu o aparelho de telefone celular?

() Comprei () Meus pais () Meu pai () Minha mãe () Outra pessoa

12. Quem paga a conta/crédito do teu telefone celular?

() Meus pais () Meu pai () Minha mãe
() Outra pessoa () Eu mesmo/a () Divido a conta

13. Quanto gastas em média por mês com o telefone celular?

() Menos de R\$15,00 () Entre R\$15,00 e 30,00 () Entre R\$ 30 e 50,00

Entre R\$50,00 e 70,00

 Mais de R\$70,00

 Não sei informar

Agora, pensando no uso do **Telefone celular**, responda as seguintes questões:

1. Circule a alternativa que responde o quanto tu te interessas atualmente por **telefone celular**:

Muito Pouco	Pouco	Moderadamente	Bastante	Com muita frequência
1	2	3	4	5

2. Circule a alternativa que responde como seria viver sem **telefone celular**

Muito Difícil	Mais ou menos difícil	Indiferente	Pouco difícil	Nada difícil
1	2	3	4	5

3. Tu achas importante estar **bem informado** sobre o que podes ver ou fazer com o **telefone celular**?

Muito Pouco	Pouco	Mais ou menos	Muito	Extremamente
1	2	3	4	5

4. Quando tu descobres coisas interessantes que podem ser feitas ou vistas com o **telefone celular** com quem tu conversas sobre isso?

	Nunca	Pouco	Às vezes	Quase Sempre	Sempre
Com o pai	1	2	3	4	5
Com a mãe	1	2	3	4	5
Com os irmãos	1	2	3	4	5
Com algum/a professor/a	1	2	3	4	5
Com amigos da mesma idade	1	2	3	4	5
Com amigos mais velhos	1	2	3	4	5

5. Pensando nas perguntas abaixo, circule o número que mais corresponda ao **quanto tu estás satisfeito**:

a. O quanto tu estás satisfeito com tua vida em geral?

Nada Satisfeito			Mais ou menos satisfeito				Muito satisfeito			
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

b. O quanto tu estás satisfeito com as coisas que tens? Como o dinheiro que dispões e as coisas que possuis?

Nada Satisfeito			Mais ou menos satisfeito				Muito satisfeito			
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

c. Quão satisfeito tu estás com a tua saúde?

Nada Satisfeito			Mais ou menos satisfeito				Muito satisfeito			
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

d. O quanto tu estás satisfeito com aquelas coisas nas quais tu queres ser bom?

Nada Satisfeito			Mais ou menos satisfeito				Muito satisfeito			
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

e. O quanto tu estás satisfeito nos relacionamentos com as pessoas que conheces?

Nada Satisfeito			Mais ou menos satisfeito				Muito satisfeito			
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

f. O quanto tu estás satisfeito com a segurança que sentes?

Nada Satisfeito			Mais ou menos satisfeito				Muito satisfeito			
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

g. O quanto tu estás satisfeito em relação a fazer coisas fora de casa?

Nada Satisfeito			Mais ou menos satisfeito				Muito satisfeito			
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

h. O quanto tu estás satisfeito em relação ao que imaginas que poderás acontecer contigo no futuro?

Nada Satisfeito			Mais ou menos satisfeito				Muito satisfeito			
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

6. Abaixo, segue uma lista de afirmações sobre as relações com a tua família e teus/tuas amigos/as. Por favor, indique qual alternativa está mais próxima do que tu pensas.

	Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
Meus amigos me respeitam.	1	2	3	4	5
A minha família se preocupa comigo.	1	2	3	4	5
A minha família gosta muito de mim.	1	2	3	4	5
Posso confiar nos meus amigos.	1	2	3	4	5
Sou realmente admirado/a pela minha família.	1	2	3	4	5
A minha família me dá muito carinho.	1	2	3	4	5
Os meus amigos não se preocupam com meu bem-estar.	1	2	3	4	5
Os membros da minha família confiam em mim.	1	2	3	4	5
Não posso confiar na minha família porque eles não me dão suporte.	1	2	3	4	5
Tenho uma forte ligação com meus amigos.	1	2	3	4	5
Meus amigos se preocupam comigo.	1	2	3	4	5
A minha família realmente me respeita.	1	2	3	4	5
Meus amigos e eu somos muito importantes uns para os outros.	1	2	3	4	5
Não me sinto unido/a aos membros da minha família.	1	2	3	4	5
Eu e meus amigos gostamos muito uns dos outros.	1	2	3	4	5

Antes de entregar o questionário, por favor verifique se tuas respostas estão de acordo com o que foi perguntado. Muito obrigada pela colaboração!!!

ANEXO D

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) responsável:

Sou mestranda do programa de pós-graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Estou realizando uma pesquisa sobre OS DIFERENTES ASPECTOS DO USO DO CELULAR NA ADOLESCÊNCIA, sob a supervisão da professora Dra. Adriana Wagner. O objetivo desse trabalho é explorar e descrever diferentes aspectos relacionados ao uso do telefone celular entre os adolescentes de 12 a 17 anos.

A participação do teu filho envolve em responder um questionário composto por perguntas com opções de resposta de múltipla escolha.

A colaboração com esse estudo é voluntária e se o teu filho decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, ele tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, a identidade do teu filho será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a).

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente tu estarás contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo(s) pesquisador(es) fone 5499091035 ou pela entidade responsável – Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, fone 3320 3345.

Atenciosamente

Fabiana Verza

Matrícula: 07190733-1

Adriana Wagner (orientadora)

Matrícula: 36139

Autorizo meu filho(a) a participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

<p>_____ Nome e assinatura do responsável</p>	<p>Porto Alegre, ___/___/2008</p>
---	-----------------------------------

ANEXO E

Termo de Assentimento

TERMO DE ASSENTIMENTO

Prezado(a) participante

Sou mestranda do programa de pós-graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Estou realizando uma pesquisa sobre OS DIFERENTES ASPECTOS DO USO DO CELULAR NA ADOLESCÊNCIA, sob a supervisão da professora Dra. Adriana Wagner. O objetivo desse trabalho é explorar e descrever diferentes aspectos relacionados ao uso do telefone celular entre os adolescentes de 12 a 17 anos.

Sua participação envolve em responder um questionário composto por perguntas com opções de resposta de múltipla escolha.

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a).

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo(s) pesquisador(es) fone 5184008895 ou pela entidade responsável – Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, fone 3320 3345.

Atenciosamente

Fabiana Verza

Matrícula: 07190733-1

Adriana Wagner (orientadora)

Matrícula: 36139

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

<p>_____ Nome e assinatura do participante</p>	<p>Porto Alegre, ___/___/2008</p>
--	-----------------------------------

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)